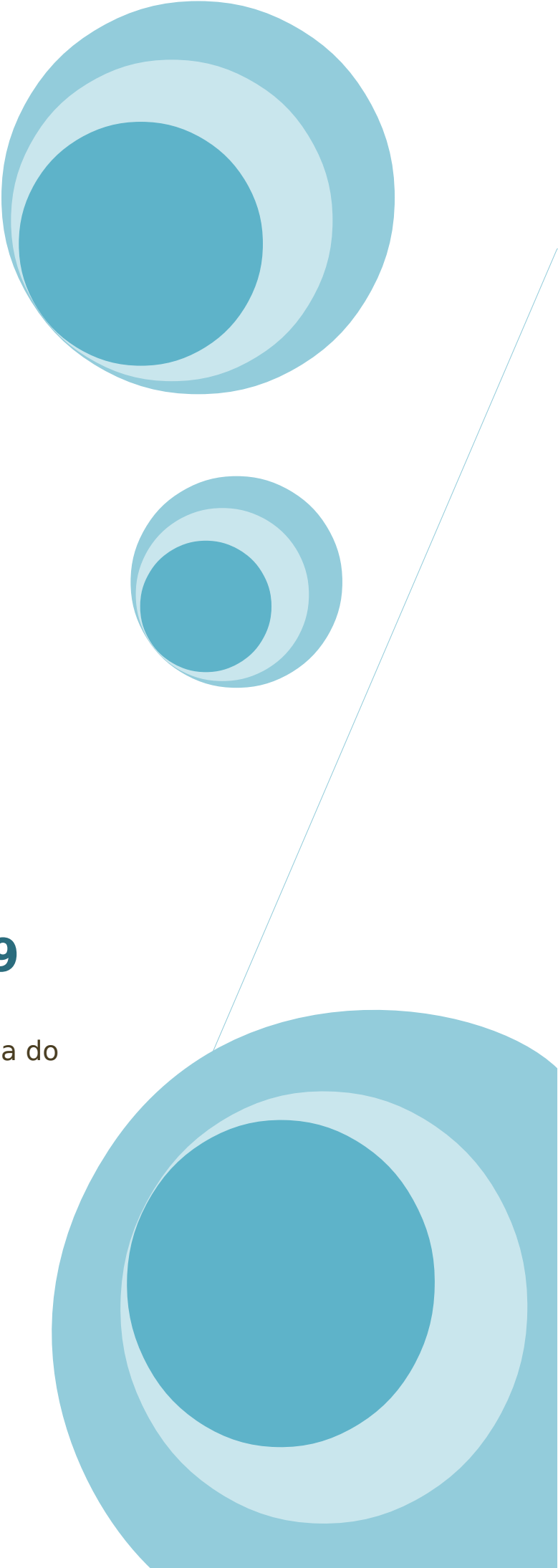




Balanço Econômico 2019 e Perspectivas

Avaliação do setor de borracha do
Rio Grande do Sul

junho de 2019

Igor Moraes



1. Sumário Executivo

2. A economia brasileira no 1ºT 2019

3. O setor de borracha no contexto nacional

4. O Rio Grande do Sul no 1ºT 2019

5. O setor de borracha gaúcho

6. Perspectivas 2019



1. SUMÁRIO EXECUTIVO

O cenário que se desenha para o Brasil no horizonte é bastante desafiador. De um lado temos, no **cenário internacional**, a continuidade de um crescimento que deve se manter, ao menos para o próximo biênio, perto de 3,5% ao ano. Essa perspectiva ainda não considera os efeitos negativos de um aprofundamento da Guerra Comercial que os EUA iniciou com a China no primeiro trimestre de 2018 e ainda se arrasta. Da mesma forma não contempla efeitos negativos do Brexit ou de uma elevação mais acentuada dos juros nos EUA entre 2019 e 2020. De qualquer forma, a despeito dos riscos de curto prazo, o cenário internacional permanece favorável para o Brasil, tanto em termos de comércio quanto de apetite para risco.

O problema que se desenha está mais relacionado as dificuldades políticas no **ambiente interno** e que acabam por prejudicar a melhora das expectativas e, com ela, o aumento dos investimentos. A economia brasileira teve, no primeiro trimestre de 2019, uma queda de -0,2% do PIB, se contrastando com expansão em diversos outros países desenvolvidos e emergentes. E isso torna claro que estamos enfrentando restrições internas.

As projeções iniciais dão conta que existe uma boa chance de termos a **Reforma da Previdência** aprovada na Câmara ainda no primeiro semestre, o que seria importante para permitir que a aprovação final ocorra até o final do terceiro trimestre. De qualquer forma, podemos notar que o tempo para fazer com o PIB de 2019 se recupere, esgotou. Sendo assim, no melhor cenário podemos ter uma economia crescendo 1% em 2019, **deixando para 2020** um crescimento mais robusto. Cenário idêntico pode ser percebido no setor de borracha, com destaque para a expansão das vendas de pneumáticos na esteira dos bons resultados da produção da indústria de veículos. Mas, as dificuldades encontradas com as exportações



para importantes parceiros comerciais impactaram de forma negativa o setor.

A **economia gaúcha** segue de perto o ritmo nacional, com algumas pequenas diferenças. Nesse caso, destaque para a indústria do Rio Grande do Sul que, após ultrapassar um período de forte expansão, viu seu ciclo se encerrar e adentrou um período de arrefecimento e que deve se estender até o terceiro trimestre de 2019. Outra diferença importante foi no setor de serviços no Estado, impactado positivamente pelos bons resultados da agropecuária e da indústria e que contribuíram para gerar renda. Porém, tal como identificado no cenário nacional, os dois últimos trimestres foram de **ajuste na economia do estado**, desenhando-se um ciclo de arrefecimento que deve durar até o quarto trimestre do ano com uma perspectiva de o PIB encerrar o ano de 2019 em 1,3%

No **setor de borracha** do estado o momento tem sido de ajuste após um período de dois anos de crescimento da produção e do faturamento. Com a estabilidade da demanda no mercado interno e as dificuldades com as exportações, o segmento enfrenta um período de ajuste que deve durar até a passagem entre o **segundo e terceiro trimestre de 2019**. Os indicadores atuais sinalizam para uma recuperação moderada a partir de então, reservando para 2020 os melhores resultados.



2.A ECONOMIA BRASILEIRA NO 1ºT 2019

O ano de 2019 iniciou tal como veio o processo de melhora das expectativas de empresários, consumidores e investidores com o novo Governo. Mas a frustração com o cenário político foi muito rápida. Parece que os agentes econômicos não compreenderam, ou ao menos, não imaginavam, que a formação de coalizão política em um Congresso fragmentado, apesar de boa dose de renovação, demandaria muito das ações do executivo.

A urgência com que foi vendida **a necessidade de se aprovar reformas importantes**, como a da previdência, esbarrou nos ritos processuais das duas casas Legislativas. E a velocidade no qual a economia demandava da classe política uma decisão, para sair da crise, não foi correspondida. Era necessário esperar chegar fevereiro e, com ele, as eleições da Câmara e do Senado criando, em diversos momentos, a sensação de que o Governo enfrentaria muitas dificuldades. E esse foi um período longo e que acabou resultando em reversão das expectativas dos agentes econômicos de forma muito rápida, com consequências nefastas para a economia.

Assim, o cenário que se desenhou para o Brasil nesse primeiro trimestre foi **extremamente desafiador** e nos colocou no limiar entre a retomada de um ciclo de crescimento econômico ou a entrada de um novo processo recessivo, que poderia resultar em uma depressão. O país corre contra o tempo para aprovar medidas que possam resultar em mais liberdade econômica, menor intervenção do estado e ajuste fiscal. A agenda de mudanças é ampla e demandará muita energia por parte do Governo e disposição do Congresso para criar um cenário mais positivo para os próximos anos.

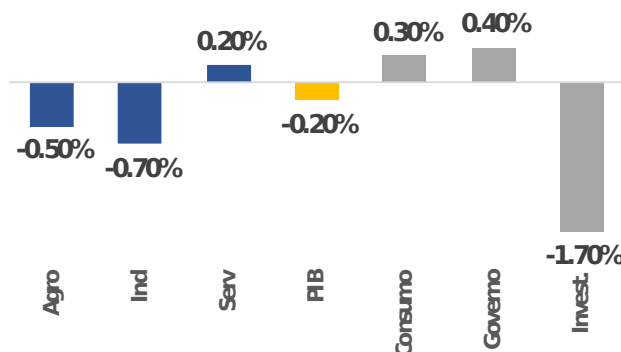
PIB

Como os próprios números do PIB do 1º trimestre de 2019 revelaram, a queda de -0,2% sobre o 4º trimestre de 2018 foi a materialização de uma economia que já vinha combalida e que perdeu tração nos últimos meses. Analisando pelo lado da produção, a agropecuária teve ligeira queda de 0,5%, em linha com o movimento esperado da safra de grãos e dos abates na pecuária, mas foi a indústria, com uma queda de 0,7%, que puxou o PIB para baixo. Mesmo o crescimento de 0,2% no setor de serviços não foi suficiente para reverter a **retração nos demais setores**.

Pelo lado da demanda o maior responsável pela retração foi, sem sombra de dúvidas, o investimento. A queda de 1,7% no primeiro trimestre de 2019, se segue a uma de 2,4% ocorrida no 4º trimestre de 2018 e revela o quanto a baixa confiança no país contribui de forma negativa para essa variável. Diversos investimentos programados foram adiados e, para complementar, as grandes empresas estatais estão com dificuldade de caixa ou muito endividadas. Uma herança da má gestão de governos passados.

PIB do Brasil

(var % 1ºT19/4ºT18)



Fonte: IBGE

Apesar do número ruim, o que mais preocupa nesse cenário é a tendência que se formou nesse período. Se olharmos o efeito carregamento, conceito que se aplica para traçar um cenário prospectivo considerando que nos próximos trimestres a economia produza o mesmo que produziu no 1º trimestre de 2019, as

perspectivas não são das melhores. Nesse caso, o PIB **encerraria o ano** com expansão de apenas 0,1%. Isso quer dizer que, se não tivermos nenhum choque positivo na economia nos próximos trimestres, seja ele de demanda como a redução do desemprego ou o aumento do crédito, ou um choque pelo lado de oferta, como o aumento do investimento, esse seria o número a esperar para o PIB em 2019.

Olhando por esse prisma fica a sensação de maior importância ainda na aprovação da reforma da previdência ainda no primeiro semestre do ano, sob pena de colocarmos a perder a oportunidade de reversão dessa trajetória ainda em 2019. Apesar da agenda curta, acreditamos que possa ocorrer a aprovação em primeiro turno na Câmara até o final de junho.

O conjunto de gráficos mostra como seria a previsão do PIB ao longo de 2019, abrindo pelos seus componentes. Veja que a trajetória de desaceleração da economia brasileira já teve início no 3º trimestre de 2018, e se estende pelos trimestres seguintes com possibilidade, de **acordo com nossas previsões**, de chegar a 0,8% em 2019. Destaca-se que boa parte desse resultado está sendo puxado pela queda no consumo das famílias, em um cenário onde a taxa de desemprego não cede dos 12,7%, mantendo o número de desempregados acima de 13 milhões e com estabilidade na renda real.

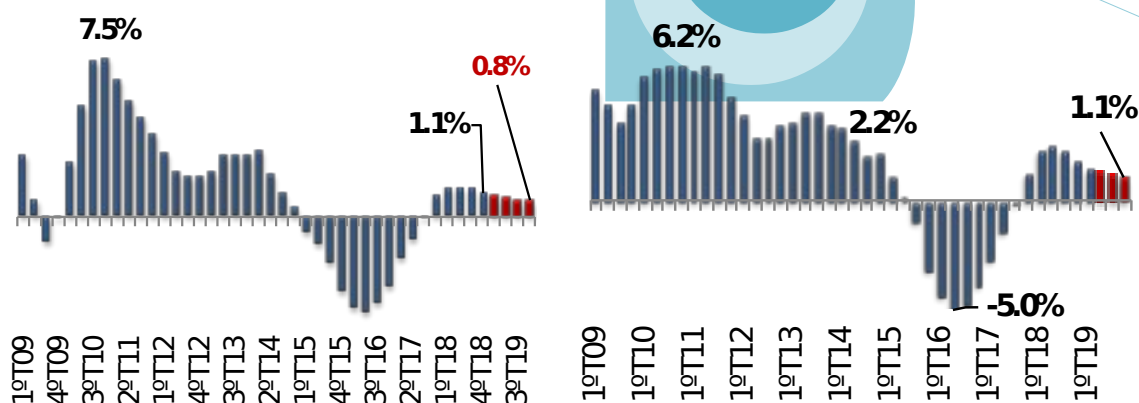
PIB do Brasil

(var % ac. em 12 meses)

PIB total

Consumo das Famílias

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



Fonte: IBGE

Ainda considerando o lado da demanda, os Gastos Públicos, um dos maiores responsáveis pela intensa recessão que passou o Brasil, deve iniciar processo de contribuição positiva sobre o PIB apenas no 3º trimestre do ano. Veja que, nos últimos 10 anos, o setor público no **Brasil intensificou os gastos** e apresentava taxas de expansão acima de 2% anual de forma consistente durante vários trimestres. Esse movimento era inconsistente no longo prazo e, no curto prazo, apenas serviu para gerar diversos desequilíbrios na economia brasileira.

Vale destacar que esse tipo de política expansionista pelo lado fiscal, quando implementada da forma que foi feita no Brasil, juntamente com a intervenção do estado em alocação de riqueza no ambiente microeconômico, (isso até ganhou um nome – Nova Matriz Econômica), de forma consistente e por vários anos, tem como resultado o esgotamento da economia e a criação de uma crise embasada na fraqueza da política fiscal. Assim é que, ainda em 2014, entramos em recessão e, com ela, presenciamos a perda de dinâmica do Setor Público que passou, os quatro anos seguintes praticamente com retração nos gastos, contribuindo para intensificar a crise. O aspecto mais negativo dessa política no Brasil é que o Governo Federal desconsiderou aspectos da lei de responsabilidade fiscal e suas ações ainda serviram de exemplo para os demais entes federativos, multiplicando os efeitos negativos da intervenção do estado na economia.

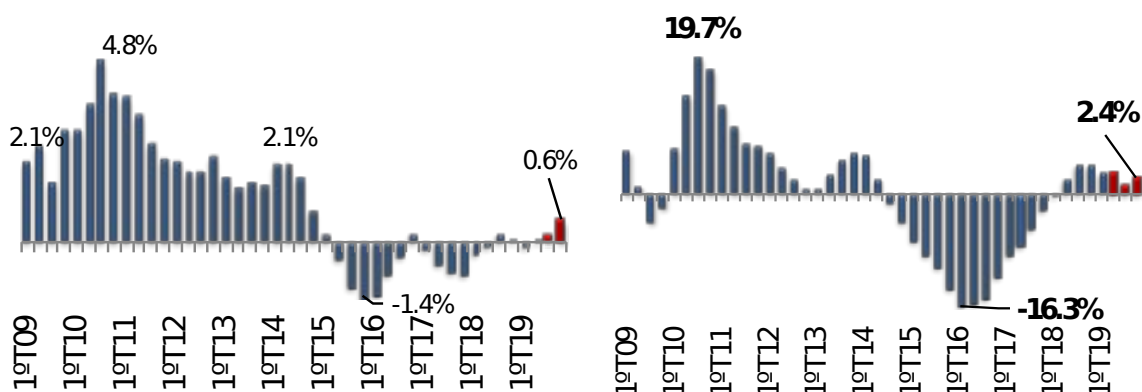
Destaca-se que crises econômicas tem o poder de reduzir a confiança dos agentes econômicos, em especial dos investidores. A taxa de investimento no Brasil passou **vários trimestres no negativo** e mesmo a recuperação recente foi tímida e sem bases para se manter. Um aspecto importante para considerar sobre a retração dos investimentos foi a falência das empresas estatais promovida no cenário de expansão dos gastos públicos no período compreendido entre 2003-2015. As mais de 135 empresas estatais federais sozinhas eram responsáveis por pouco mais de 10% de todo o investimento feito no Brasil. Com a destruição de seus ativos e capacidade de gerar caixa, essas se viram obrigadas a não implementar os planos de investimento traçados anteriormente e contribuíram para a forte retração na taxa de investimento. Nossa previsão é que, mesmo diante de uma pequena melhora nas expectativas e **taxas de juros baixas** para patamares históricos no Brasil, os investimentos cresçam apenas 2,4% em 2019.

PIB do Brasil

(var.% ac. Em 12 meses)

Consumo do Governo

Investimento



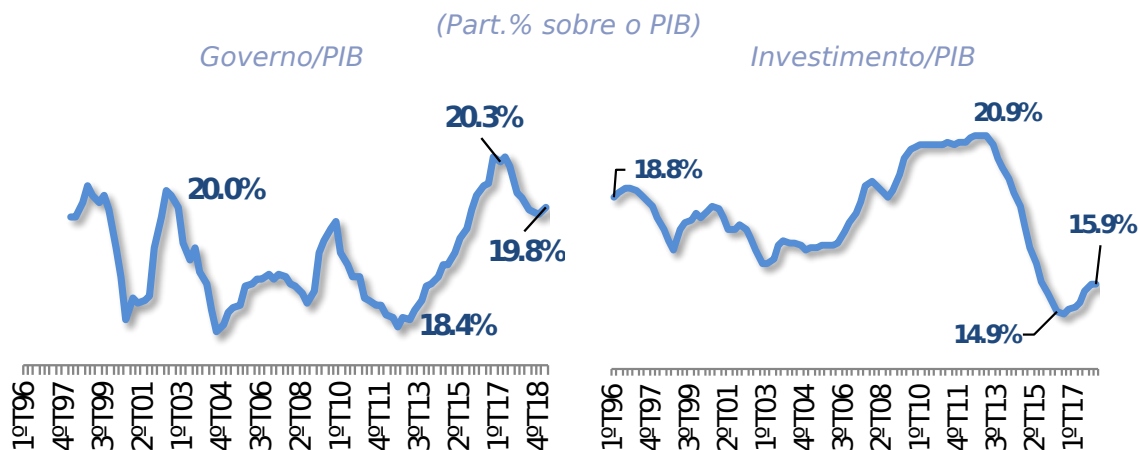
Fonte: IBGE

Quando olhamos a participação de alguns componentes sobre o PIB total é possível entender um pouco melhor todo o cenário pre e pós crise de 2014-2018. Pelo lado da demanda, vemos que a política de aumentar o tamanho do Governo trouxe o mesmo de um patamar de 20,3% ao fim de 2016, o maior da história. Como **a crise se iniciou no próprio setor público**, que se viu sem capacidade de

fazer frente ao cenário de queda da arrecadação, seu tamanho na economia influenciou na multiplicação dos efeitos negativos sobre os demais segmentos.

Um dos mais vetores mais atingidos com essa crise, o investimento, chegou a ter 20,9% de participação no PIB, patamar esse que considerado em um horizonte mais longo, contribui para manter taxas de crescimento do PIB perto de 4,5%. Porém, esse nível de investimento no Brasil não tinha sustentação, e caiu rapidamente para 14,9%. A realidade que se desenhou para o Brasil foi muito cruel, e o investimento como proporção do PIB caiu para a menor taxa do Plano Real. Destaca-se que mesmo a recente recuperação, iniciada ainda no final de 2018, nos deixa com taxa de investimento que não é condizente nem com a reposição de capital pela depreciação.

Componentes do PIB do Brasil



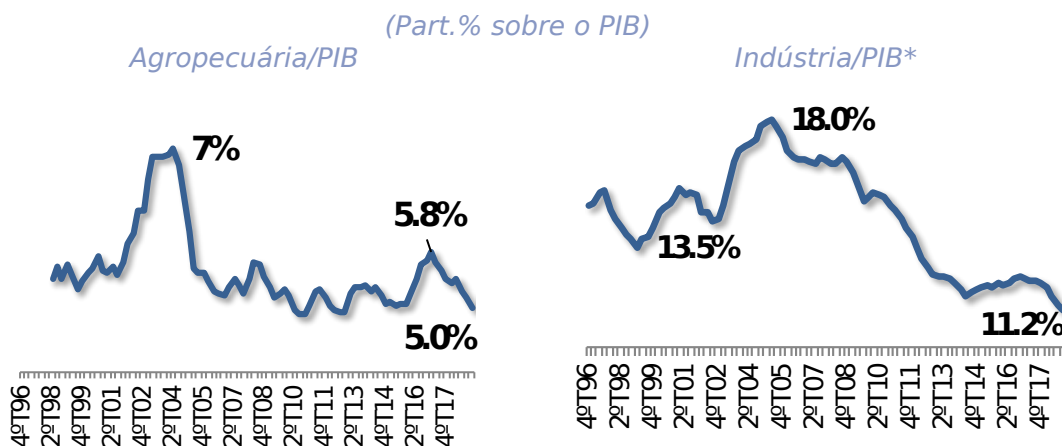
Fonte: IBGE

Olhando agora pelo lado da produção, a agropecuária sempre teve ciclos diferentes do restante da economia e, desde 2004, que sua participação oscila em torno de 5,3% do PIB. Os movimentos recentes, em especial com a menor atividade pecuária, colocaram o setor com uma taxa de 5%, ainda em linha com a média histórica.

Porém, o setor mais atingido durante a última recessão brasileira foi, sem dúvida, a indústria, em especial a de transformação. A recessão resultou em forte queda da produção do setor e fechamento de diversas empresas em vários segmentos, **como bens de capital** (influenciado pela menor demanda com baixos investimentos) e bens de consumo duráveis (impactado pelo aumento do desemprego). Mas a produção de bens intermediários também foi atingida.

Atualmente a indústria de transformação está na menor taxa de participação do PIB da história, que inclusive vai além do Plano Real apenas. Tal cenário coloca um desafio ainda maior para o próximo ciclo de expansão no Brasil, uma vez que **praticamente destruímos boa parte das cadeias produtivas** o que deve aumentar a dependência de importações para fazer frente a um aumento de demanda que não resulte em maiores preços no atacado.

Componentes do PIB do Brasil



Fonte: IBGE. *Indústria de Transformação.

Em resumo, a economia brasileira nesse primeiro semestre sentiu mais os efeitos de choques negativos internos, como as incertezas com o ambiente político, do que propriamente o impacto de uma crise internacional. Na verdade, o PIB dos países desenvolvidos e da China e Índia, estão no terreno positivo e puxando o crescimento mundial para perto de 3,6% em 2019. Novamente o Brasil enfrenta o desafio de vencer seus próprios fantasmas

econômicos. Vejamos a seguir um breve relato de como deve se comportou cada um dos macros setores no 1º trimestre de 2019.

Agropecuária

O ano de 2019 será mais um com um bom resultado para o setor, de forma agregada quando medida a produção de grãos. Diversas culturas estão com seu calendário em dia. **O Arroz**, por exemplo, até abril, tinha 75% de toda a safra já colhida, em linha com o verificado em safras anteriores. A próxima estimativa de safra da Conab provavelmente irá mostrar o encerramento da colheita de Arroz no Brasil. A colheita da primeira safra de milho está mais acelerada do que no ano passado enquanto que a soja está ligeiramente inferior, em 91,8% contra 93% da safra 2017/18, mas com perspectiva de encerrar já em maio.

A expectativa é que a safra de grãos atinja os **236 milhões de toneladas**, com destaque para o avanço da produção de milho em 14,5 milhões de toneladas, mais que compensando a redução na produção de soja (- 4,9 milhões de toneladas) e de arroz (queda de 1,4 milhão de toneladas). Vale destacar que o avanço estimado de

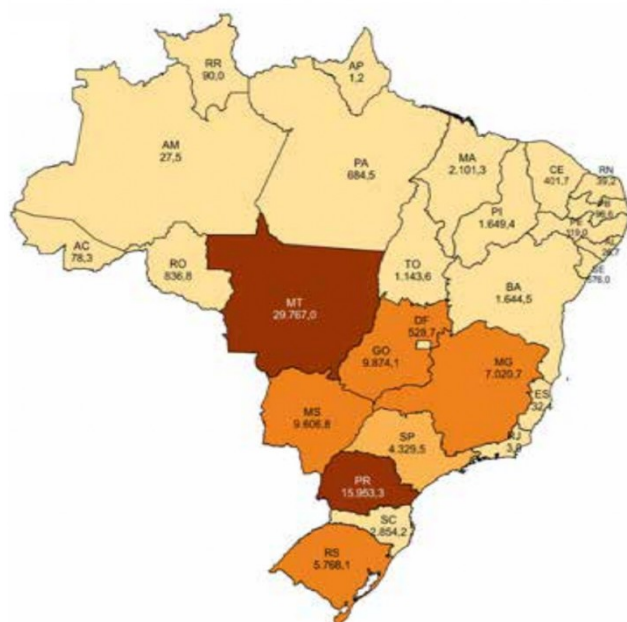
4% na safra de grãos contempla tanto as safras de verão quanto inverno.



A produção de grãos no Brasil é bem dividida entre as regiões. O Centro-Oeste é o líder nacional, onde os Estados de Goiás com a produção de milho (9,8 milhões de toneladas) e soja (11 milhões de toneladas), juntamente com o Mato Grosso, que também se destaca com as duas culturas, a produção de milho (29,7 milhões de toneladas) e soja (32 milhões de toneladas) somam quase 88 milhões de toneladas de grãos. Ao passo que a região sul fica com arroz (7,4 milhões de toneladas), milho (5,7 milhões de toneladas) e soja (19 milhões de toneladas) no RS, e milho (15,9 milhões de toneladas) e soja (16 milhões de toneladas) no PR.

Em termos de **previsão da safra de grãos 2019/18**, podemos ver que o destaque é o avanço de 7,3% na região Centro-

Produção de Grãos - Milho



Oeste, atingindo os 107 milhões de toneladas e se consolidando como a maior produtora de grãos do Brasil. Nesse caso, o maior produtor nacional é o MT com 65 milhões de toneladas e com previsão de crescimento de 6,1%. O destaque, é a expansão da produção de milho com aumento previsto de 12,8%. O Estado de Goiás, com 22 milhões de toneladas produzidas de grãos, deve ter uma expansão de 6,7%, também puxado principalmente pela

produção de milho que deve crescer 21%. A produção de milho também **cresce em outras regiões importantes**, como o PR com +34%, MS +48% e RS +19%. No agregado, teremos uma safra de 15 milhões de toneladas a mais de milho.

Na Região Sul do Brasil destaque para o avanço de 5,9% na produção de grãos do Rio Grande do Sul, atingindo os 35 milhões de toneladas e encostando no PR que deve ter aumento de 3,6% indo a

36 milhões de toneladas. Destaca-se que a **Região Sul é a segunda em termos de produção de grãos** no Brasil, totalizando 78 milhões de toneladas nessa safra. Por outro lado, a Região Sudeste, com 22 milhões de toneladas e a Nordeste com 19 milhões de toneladas, são as únicas a terem queda na produção de grãos com 2,8% e 6,6% respectivamente. Por fim, a região Norte é a que menos produz grãos no Brasil, com 9,8 milhões de toneladas e perspectiva de crescimento de apenas 2,8%.

A soja, uma das mais importantes culturas de grãos do Brasil, deve ter um ano de estabilidade com aumento de 1,9% na produção total e atingindo os 35 milhões de toneladas. Dentre os maiores estados produtores, crescimento de 1,9% no MT e de 1,5% no RS, e uma ligeira queda de 0,5% no PR.

Na pecuária temos uma queda no abate de bovinos no Brasil, - 4,6% no 1ºT19 sobre o último trimestre de 2018 e estabilidade sobre o mesmo trimestre do ano passado. Por outro lado, o abate de frangos cresceu 2,3% na comparação com o 4ºT18. Já o mercado de leite apresentou forte retração na comparação entre o primeiro trimestre de 2019 com o último trimestre de 2018, com queda de quase 8% tanto na quantidade de leite adquirido quanto de leite industrializado.

Animais Abatidos

(1.000 cabeças)

	Bovinos	Suínos	Frangos
1ºT18 (a)	7,745	10,719	1,478,794
4ºT18 (b)	8,142	11,097	1,416,479
1ºT19 (c)	7,771	11,272	1,448,925
c/b	-4.6%	1.6%	2.3%
c/a	0.3%	5.2%	-2.0%

Fonte: IBGE

Leite

(1.000 litros)

	Adquirido	Industrializado
1ºT18 (a)	6,013,787	6,007,659
4ºT18 (b)	6,702,110	6,687,874
1ºT19 (c)	6,181,879	6,173,546
c/b	-7.8%	-7.7%
c/a	2.8%	2.8%

Indústria

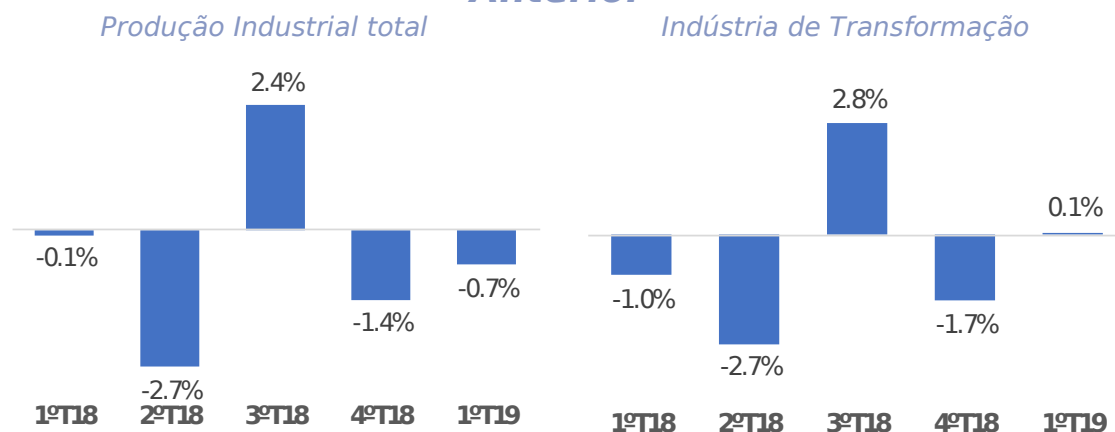
O setor industrial foi o maior atingido pela última recessão, com destaque para a indústria de transformação e a construção civil. A

primeira viu seu produto encolher por vários trimestres seguidos, colocando a mesma na menor participação do PIB da história. Por outro lado, a construção civil encolheu em especial pelos **menores investimentos em obras pesadas**, como as rodovias, enquanto a parte de construção de edifícios se retraiu por conta do menor nível de emprego e renda.

O processo de desaceleração da indústria de transformação, a que maior peso possui dentro da indústria total¹, foi mais intenso em trimestres anteriores e puxou a queda da indústria total. Porém, no primeiro trimestre de 2019 a indústria total caiu 0,7% enquanto que a de transformação se manteve praticamente estável, com 0,1% de expansão.

Como pode ser visto no conjunto de gráficos, nos últimos cinco trimestres a indústria total teve queda em três, com destaque para o 2ºT2018 com -2,7% de retração, mesmo valor observado para a indústria de transformação. Veja que o 1º trimestre de 2019 foi o primeiro em que as duas caminharam em direção contrária.

Variação Percentual no Trimestre sobre Trimestre Anterior



Fonte: IBGE.

A abertura por segmentos mostra bastante diferença de performance, seja quando analisamos entre os segmentos, seja para comparações temporais distintas. No primeiro caso, as atividades que

¹ A indústria total é composta pela extrativa, transformação, construção civil e serviços industriais como tratamento de água, esgoto e fornecimento de energia.

contribuíram para ***puxar para cima a produção industrial*** nesse primeiro trimestre foram a indústria de alimentos, bebidas, fumo, produção de derivados de petróleo e biocombustíveis e uma pequena parte da indústria metal-mecânica, como a produção de produtos de metal e de equipamentos de informática, eletrônicos e produtos óticos.

Todas os demais segmentos da indústria de transformação tiveram queda na comparação trimestral, sendo os mais intensos a impressão e reprodução, indústria farmacêutica e outros equipamentos de transporte. Destaque para a queda na produção no segmento metal-mecânico que possui elevado peso na composição do PIB da indústria. Nesse caso, vimos a desaceleração da produção de veículos automotores que ainda cresce 6,4% em 12 meses, mas no 1º trimestre já caiu para -0,5%. Outro que mostra reversão é a metalurgia, que crescia 1,6% em 12 meses e agora apresentou queda de 1,1% no trimestre. As demais atividades metal-mecânica intensificaram sua queda nesse período bem como outras indústrias, como a produção de têxteis, vestuário e produtos de madeira.

Produção Industrial segmentos - Brasil

	1ºT19/ 4ºT18	Em 12 meses
Produtos alimentícios	5.7%	-6.1%
Bebidas	7.6%	1.3%
Produtos do fumo	5.5%	-4.2%
Produtos têxteis	-1.2%	-4.4%
Vestuário e acessórios	-1.5%	-4.2%
Couros, artefatos e calçados	-4.8%	-2.7%
Produtos de madeira	-2.1%	-1.3%
Celulose, papel e produtos de papel	-3.1%	2.4%
Impressão e reprodução de gravações	-6.2%	-3.5%
Coque, derivados do petróleo e de biocomb.	1.3%	3.3%
Limpeza, cosméticos e de higiene pessoal	-0.5%	-1.3%
Outros produtos químicos	-0.6%	-1.0%
Farmoquímicos e farmacêuticos	-6.5%	2.2%
Produtos de borracha e de material plástico	-0.8%	-1.8%
Produtos de minerais não-metálicos	0.0%	0.7%
Metalurgia	-1.1%	1.6%
Produtos de metal	1.6%	3.3%
Equip. de informática, eletrônicos e ópticos	2.4%	-7.5%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-1.8%	-1.2%
Máquinas e equipamentos	-3.1%	-0.1%
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-0.5%	6.4%
Outros equip. de transporte	-5.8%	-3.8%
Fabricação de móveis	-0.1%	-3.2%
Produtos diversos	4.4%	0.1%
Manut., reparação e instalação de máq. e equip.	-0.6%	-2.3%
Total da indústria de transformação	0.1%	-0.5%

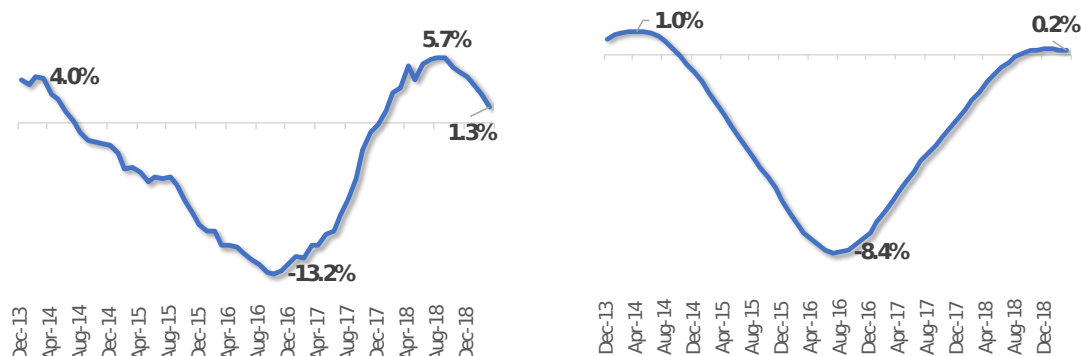
Fonte: IBGE.

Outras estatísticas que corroboram a **desaceleração do setor** estão relacionadas a variáveis de desempenho, em especial o faturamento, calculado pela CNI. Veja que após a recuperação do faturamento da indústria de transformação ainda em 2017, o segmento atingiu seu máximo em 5,7% em meados de 2018. Foi cerca de um ano e meio de expansão que mais serviu para recuperar espaço perdido com a crise. Desde então o faturamento perdeu dinâmica e chegou a um crescimento de 1,3% quando avaliado em 12 meses. Movimento semelhante, mas com magnitude diferente, pode ser visualizado com a variável de emprego, que se estabilizou em 0,2% nos últimos meses.

Variação Percentual em 12 meses

Faturamento Real

Emprego



Fonte: CNI.

Olhando os 12 meses terminados em março de 2019, podemos ver muita heterogeneidade, tal como verificado na produção. De um lado, o faturamento cresce nas indústrias de alimentos, couro e calçado, madeira, químicos e materiais não-metálicos. Na indústria metal-mecânica cai apenas no segmento de outros equipamentos de transporte e chega a crescer 13,5% na indústria de máquinas e equipamentos.

Em **boa parte dos segmentos** podemos enxergar queda no faturamento e no emprego de forma concomitante, mas em alguns, o faturamento cai e as contratações aumentam, como na impressão e reprodução, derivados de petróleo e biocombustíveis e indústria farmacêutica. Em outros, o faturamento sobe e o emprego cai, como na indústria de alimentos, couro e calçado, químico e minerais não metálicos.

Em termos de UCI - Utilização da Capacidade Instalada, medida que serve para identificar o quanto um setor está aquecido ou não, podemos ver que, na média a indústria tem uma UCI de 76,4. De um lado há segmentos com uma UCI baixa, como Alimentos, bebidas, produtos de metal e veículos. De outro, os segmentos com maior UCI são couro e calçados, papel e celulose e outros equipamentos de transporte. Vale destacar que, apesar do número absoluto é muito importante entender a **dinâmica histórica dos segmentos**, pois há aqueles onde é normal atuar com uma UCI mais baixa, ao passo que,

em especial para os que atuam no segmento metal-mecânico, o normal é ter uma UCI média maior. De qualquer forma, os **resultados apontados pelos indicadores da CNI** deixam claro que o setor industrial passou, nesse primeiro trimestre, por uma forte desaceleração na produção, que afetou a UCI e o faturamento, e manteve o nível de emprego estável.

Indústria de Transformação - Brasil

(Indicadores Industriais - var.% em 12 meses)

	Faturamento	Emprego	UCI Média
Produtos alimentícios	4.6%	-1.2%	72.5
Bebidas	-14.0%	0.0%	64.5
Produtos têxteis	-14.6%	-3.5%	83.6
Artigos do vestuário e acessórios	-6.4%	-2.6%	75.2
Couro, artigos para viagem e calçados	8.1%	-0.7%	85.3
Produtos de madeira	6.3%	0.4%	78.2
Celulose, papel e produtos de papel	-0.9%	-0.8%	87.6
Impressão e reprodução de gravações	-23.7%	2.0%	77.1
Coque, derivados do petróleo e biocomb.	-20.1%	1.5%	81.0
Químicos	3.6%	-2.7%	74.9
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-10.5%	5.0%	78.7
Produtos de borracha e de material plástico	-1.8%	-1.6%	74.0
Produtos de minerais não metálicos	6.9%	-2.0%	79.0
Metalurgia	12.8%	4.2%	76.0
Produtos de metal	2.7%	3.1%	71.7
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	6.3%	2.5%	82.8
Máquinas e equipamentos	13.5%	2.1%	76.7
Veículos autom., reboques e carrocerias	9.5%	5.2%	71.9
Outros equipamentos de transporte	-20.6%	-6.6%	89.4
Móveis	7.5%	2.4%	81.4
Produtos diversos	-7.4%	-0.6%	80.5
Indústria de Transformação	1.3%	0.2%	76.4

Fonte: CNI.

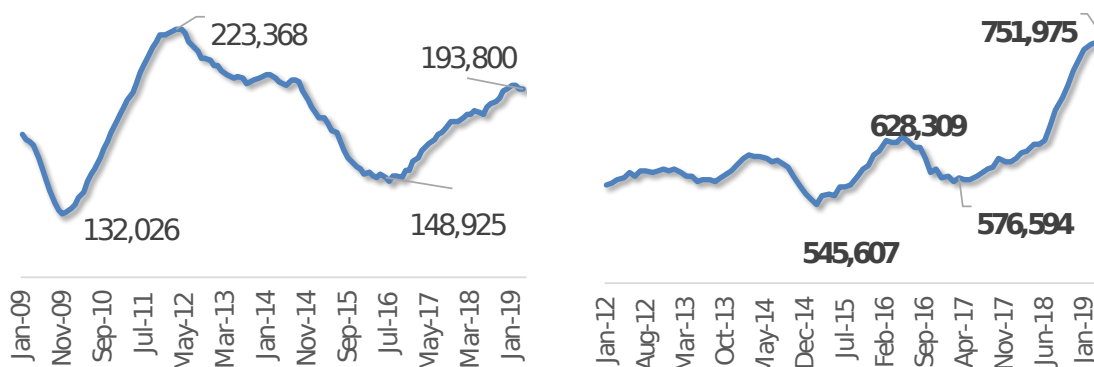
Nosso último indicador de análise do segmento é a **exportação industrial**. Como pode ser visto no gráfico, essas atingiram os US\$ 193 bilhões, quando medidas em 12 meses, em março último. Esse é um forte crescimento em relação aos US\$ 148 bilhões de meados de 2016, mas ainda se encontra bem abaixo do total exportado em 2011 que foi de US\$ 223 bilhões. Os sinais atuais já são de estabilidade no valor exportado pela indústria brasileira, em especial por conta das

dificuldades econômicas que passa um dos nossos parceiros mais importantes, a Argentina.

Exportações Industriais em 12 meses - BR

Em US\$ bilhões

EM R\$ bilhões



Fonte: SECEX/FIERGS

Por outro lado, podemos ver que as exportações industriais medidas em moeda local, com conversão da taxa de câmbio média do mês e trazidas a valor presente pelo IPCA, continuam a crescer e atingiram, em 12 meses terminados em março, os R\$ 751 bilhões. Esse é um valor expressivo e que ajuda a manter a atividade produtiva local amenizando os efeitos de uma baixa demanda interna. Destaca-se que, não fossem as exportações, o resultado do setor industrial no primeiro trimestre do ano teria sido muito pior do que o verificado.

Serviços

O setor de serviços tem um peso importante no PIB, cerca de 61%, e corresponde a diversas atividades que estão ligadas a famílias, empresas e no setor público. Em destaque podemos citar a importância dos serviços públicos que envolvem a saúde, educação, seguridade social, administração e a defesa, com 13,5% do PIB total. A seguir, temos outras atividades de serviços e a atividade financeira.

Ao analisarmos os resultados do PIB do primeiro trimestre de 2019 sobre o quarto trimestre de 2018, veja que dessas atividades apenas o comércio e as atividades que envolvem o transporte, armazenagem e correio que tiveram queda. Mas, mesmo assim, o

resultado do setor de serviços foi, de certa forma, decepcionante, e contribuiu para puxar o desempenho da economia para baixo nesse início de ano.

Setor de Serviços - PIB - Brasil

	Peso no PIB	1ºT19/4ºT18
Comércio	7.2%	-0.1%
Transporte, armazenagem e correio	2.9%	-0.6%
Informação e comunicação	3.8%	0.3%
Ativ. Financ., de seguros e serviços relacionados	11.1%	0.4%
Atividades Imobiliárias	10.3%	0.4%
Outras atividades de serviços	12.5%	0.2%
Adm., defesa, saúde e educ. Púb. e segur. social	13.5%	0.3%
Total	61.2%	0.2%

Fonte: IBGE

O Comércio é dividido em duas partes, a que trata apenas do comércio varejista e a divisão que considera o comércio varejista ampliado. A diferença entre ambas está na agregação das atividades de vendas de material de construção e de veículos na parte do varejo ampliado. Destaca-se que esse teve um pequeno crescimento nesse primeiro trimestre e com tendência de desaceleração.

Comércio Varejista Ampliado - Brasil

	1ºT19/4ºT18	12 meses
Combustíveis e lubrificantes	1.1%	-3.6%
Hiper., super., alimentos, bebidas e fumo	0.1%	3.0%
Hipermercados e supermercados	0.5%	3.4%
Tecidos, vestuário e calçados	0.3%	-0.7%
Móveis e eletrodomésticos	-1.8%	-2.4%
Farmac., médicos, perfumaria e cosméticos	1.2%	6.2%
Livros, jornais, revistas e papelaria	-2.6%	-20.3%
Equip. e mat. escritório, inform. e comunic.	6.2%	0.6%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	0.9%	7.2%
Material de Construção	1.0%	2.8%
Veículos, motos, partes e peças	4.2%	12.1%
Comércio Varejista Ampliado	0.3%	4.1%

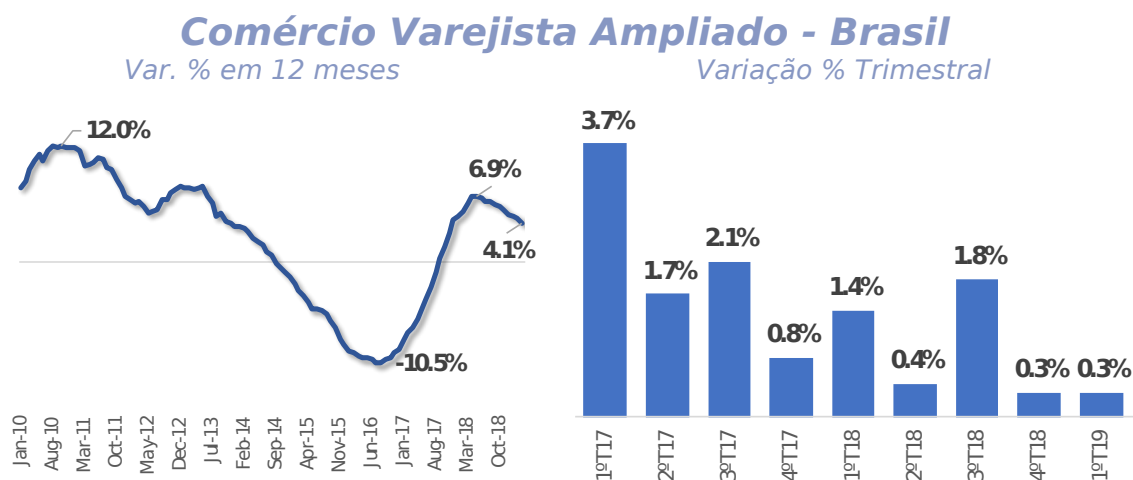
Fonte: IBGE

Apenas dois segmentos apresentaram queda nesse primeiro trimestre, a **venda de móveis e eletrodomésticos**, com -1,8%, tendência essa que já estava sendo verificada na análise de 12

meses, e a venda de livros, jornais e revistas com -2,6%, reduzindo as perdas da ordem de 20% na análise em 12 meses. Destaca-se que esse segmento tem sofrido com a retração da demanda por produtos que envolvem o uso de papel e esse efeito substituição deve continuar nos próximos anos.

Os destaques no comércio nesse primeiro trimestre são as vendas de equipamentos de escritório e informática com crescimento de 6,2% e mostrando tendência de elevação e veículos automotores com 4,2% de alta, mas em desaceleração.

Veja pelo gráfico em 12 meses que a desaceleração das vendas do comércio varejista ampliado ocorre dois anos após o *turning point* que marcou a virada de um período longo de perda de dinâmica no setor. De fato, após atingir o pico de 12% de aumento das vendas em meados de 2010, o segmento iniciou uma **trajetória de desaceleração** que durou seis anos e culminou com uma queda de 10,5% nas vendas em meados de 2016. A recuperação recente perdeu folego e após atingir os 6,9%, mostra nova tendência de desaceleração, corroborando a tese de que a economia brasileira perdeu tração nesse início de ano.



Fonte: IBGE.

Dois vetores são responsáveis por esse fraco desempenho das vendas do comércio. Em primeiro lugar a elevada taxa de desemprego, que se manteve, durante esse período no patamar acima de 12,3% e ainda permanece e; em segundo lugar, a

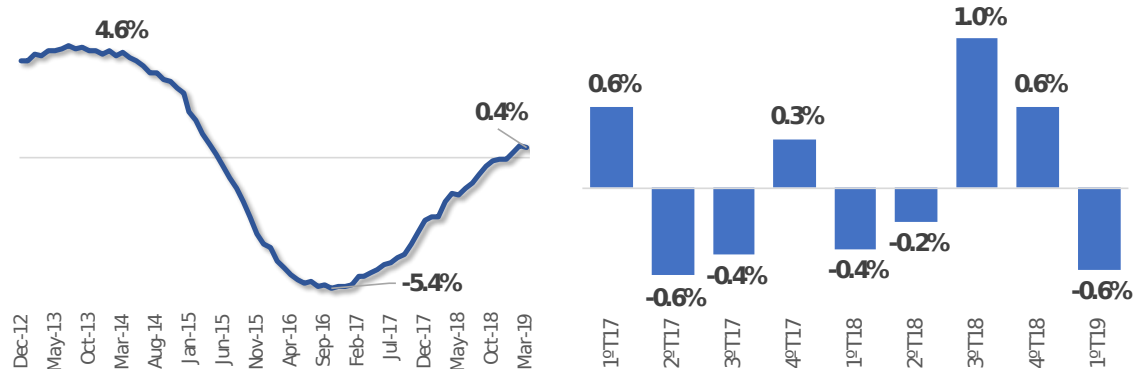
estabilidade da renda real. Nota-se claramente que não há um impulso, pelo lado da demanda, que possa dar vazão as vendas no comércio, e esse cenário se manteve no 1º trimestre de 2019, com o segmento crescendo apenas 0,3% sobre o trimestre anterior.

Outra pesquisa importante para identificar o desempenho do setor de serviços é a PMS. Essa pesquisa, realizada mensalmente, contempla a **mensuração de atividades que envolvem** os serviços prestados a família, informação e comunicação, serviços profissionais e serviços de transporte. Os resultados para o primeiro trimestre mostram uma queda de 0,6% sobre o trimestre imediatamente anterior e reduzindo o ímpeto de expansão que se verificou nos dois últimos trimestres. De fato, ao analisar o resultado em 12 meses podemos ver que o setor, ao sair de uma queda de 5,4% atingiu, em março de 2019, o patamar de 0,4%.

PMS - Pesquisa Mensal de Serviços - Brasil

Var. % em 12 meses

Var. % trimestral



Fonte: IBGE.

A despeito do resultado ruim do primeiro trimestre do ano, podemos ver que os **serviços prestados as famílias**, com expansão de 1,1% no período, os serviços de informação e comunicação com 0,3% de crescimento e os serviços profissionais e administrativos com 0,7% de elevação, seguem puxando o setor, que foi impactado negativamente, em especial, pelo desempenho das atividades que envolvem os serviços de transporte e de correio com queda significativa de 2,6%. Nesse caso, todas as subatividades

tiveram queda no trimestre, com destaque para o transporte aéreo, com -4,6% e armazenagem e correio com -3,5%.

PMS - Pesquisa Mensal de Serviços - Brasil

	1ºT19/4ºT18	12 meses
Serviços prestados às famílias	1.1%	2.0%
Alojamento e alimentação	1.6%	2.7%
Outros serviços prestados às famílias	-0.3%	-1.9%
Serviços de informação e comunicação	0.3%	1.3%
Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	0.4%	2.2%
Telecomunicações	0.2%	-1.1%
Tecnologia da Informação	1.8%	9.3%
Audiovisuais, de edição e agências de notícias	1.9%	-4.0%
Serviços profissionais, admin. e complem.	0.7%	-1.6%
Técnico-profissionais	4.6%	-0.4%
Administrativos e complementares	-2.1%	-2.1%
Serviços de Transportes, auxiliares e correio	-2.6%	0.2%
Transporte terrestre	-1.4%	1.6%
Transporte aquaviário	-0.5%	-2.3%
Transporte aéreo	-4.6%	7.7%
Armazenagem, auxiliares a transp. e correio	-3.5%	-2.5%
Outros serviços	2.4%	2.2%
Total	-0.6%	0.4%

Fonte: IBGE

Esses resultados da atividade de serviços revelam **um cenário desafiador para os próximos meses**. Em primeiro lugar, a continuidade de uma taxa de desemprego elevada com renda real estagnada, pode puxar ainda mais para baixo o desempenho dos serviços prestados a família e os serviços de transporte. Além disso, o menor nível de confiança na economia pode reverter os números dos serviços profissionais que contemplam diversas microempresas.

Expectativas

O elemento chave do comportamento da economia brasileira desde 2010 tem sido as expectativas. Após atingir o pico a nove anos atrás, diversos indicadores começaram a apontar para piora no

ambiente de negócio, seja por parte de empresários industriais ou ligados ao setor de comércio ou construção civil, ou ainda indicadores que mensuram a expectativa de consumidores.

A explicação para esse movimento, e que **culminou com a recessão** iniciada em 2014, é que o modelo econômico adotado no Brasil, popularmente conhecido como “Nova Matriz Econômica”, juntamente com as demais políticas de aumento do tamanho do Estado, **já em 2010 começou a mostrar seu esgotamento**.

Mas esse cenário ficou mais claro a partir de meados de 2014, ultrapassou um período eleitoral presidencial e avançou por mais três anos, incorporando um processo de impeachment da presidente em 2016. Foi somente a partir desse evento que as expectativas dos empresários industriais, medida pelo ICEI, Índice de Confiança do Empresário Industrial, passou a mudar de trajetória.

O ICEI é calculado pela CNI - Confederação Nacional da Indústria, e mede o sentimento do empresário do setor industrial e pode ser dividido em duas partes.

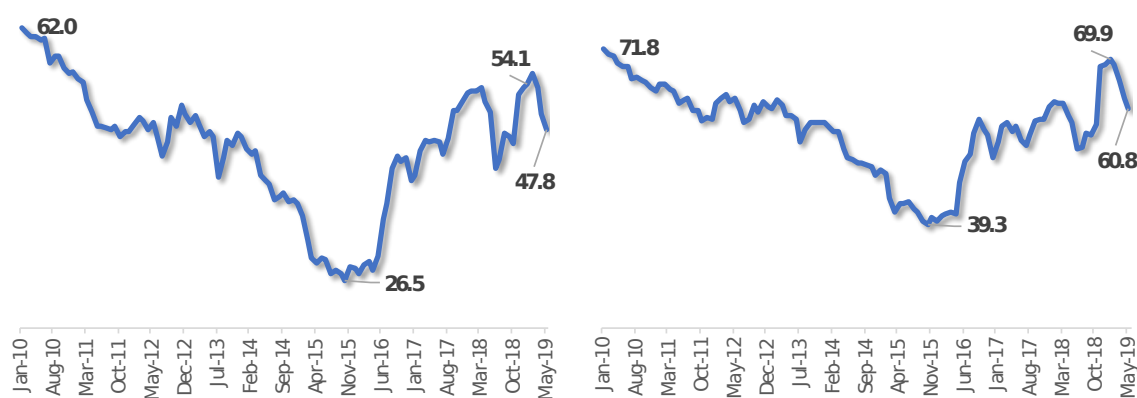
A primeira é composta de perguntas relacionadas a como o empresário avalia as condições atuais da economia e, a segunda, as mesmas considerações, mas direcionadas para expectativas. A composição do indicador resulta no índice de confiança final. Destaca-se que esse oscila entre 0 e 100 onde valores abaixo de 50 são tidos como avaliação negativa, seja para as condições atuais ou expectativas, e valores acima de 100 refletem um cenário positivo.

Veja que essa mudança de tendência ocorreu tanto com o indicador de **condições atuais quanto com indicador de expectativas**. Apesar das oscilações verificadas ao longo dos meses seguintes, o fato é que esse movimento de melhora do ambiente industrial perdurou até o final de dezembro, em especial depois do resultado das eleições presidenciais de 2018.

O recuo recente dos indicadores revela um cenário de ampla necessidade de o país encontrar o equilíbrio político, aprovar as reformas importantes, em especial a da previdência e sinalizar para investidores que o horizonte fiscal é de ajuste. Isso porque a desaceleração econômica que ocorreu no Brasil nesse início do ano de 2019 se contrasta com o **ambiente de expansão** em diversos países, em especial nos desenvolvidos.

Indústria Total - Pesquisa ICEI

Condições Atuais *Expectativas*

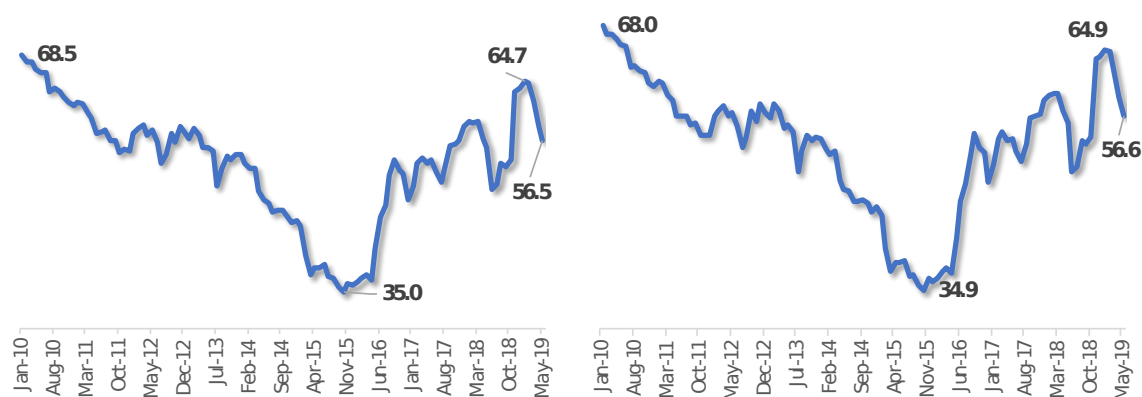


Fonte: CNI. ICEI - Índice de confiança do Empresário Industrial

Note que o comportamento da confiança do empresário industrial, encontrado a partir da combinação dos indicadores de condições atuais e expectativas, é semelhante no grupo de empresários da indústria de transformação e da indústria total, que também contempla empresários da construção civil e extrativa.

ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial

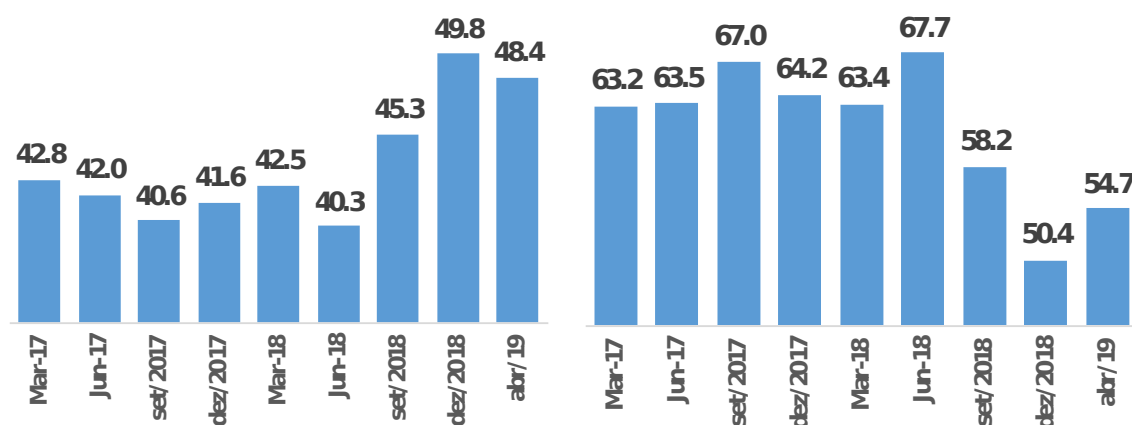
Indústria Total *Indústria de Transformação*



Fonte: CNI.

O comportamento da expectativa dos consumidores andou em linha com a expectativa dos empresários industriais, se retraindo, na margem, na passagem do último trimestre de 2018 para o primeiro de 2019. O INEC - **Índice Nacional de Expectativa do Consumidor**, medido pela CNI, contempla a agregação de seis diferentes itens. Um dos mais importantes é o que está relacionado ao desemprego. Veja que esse apresenta uma queda desde o segundo trimestre de 2018, quando atingiu o pico dos últimos trimestres.

INEC - Índice Nacional de Expectativa do Consumidor



Fonte: CNI.

O comportamento da economia explica muito da resposta que os consumidores estão dando em relação às expectativas. Dentre os itens considerados no indicador, aquele que tem o menor valor é justamente o de endividamento. Ou seja, os consumidores estão pouco propensos a se endividarem. Abaixo de 50 também temos o **indicador de Situação Financeira**, sinalizando que os consumidores estão com baixa expectativa de que a situação financeira deles melhore no curto prazo.

Índice Nacional de Expectativa do Consumidor - Brasil

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas

	Mar-17	Mar-18	Apr-19
INEC	41.9	41.7	47.0
Inflação	67.6	67.4	59.0
Desemprego	63.2	63.4	54.7
Própria Renda	46.9	45.5	50.5
Situação Financeira	42.8	42.9	49.4
Endividamento	54.7	54.9	49.1
Compra de bens de maior valor	52.4	52.7	53.0

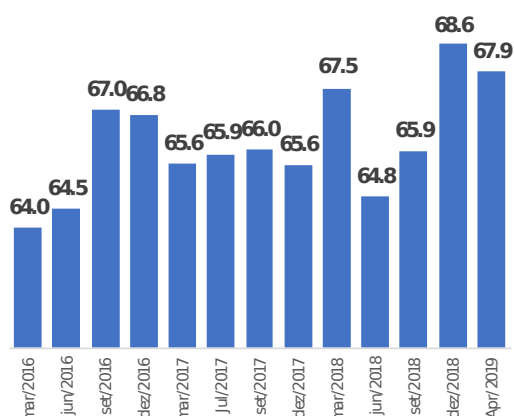
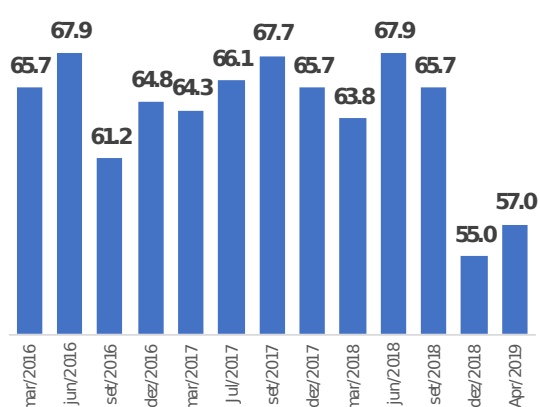
Fonte: CNI.

Outra pesquisa, também realizada pela CNI, e que procura captar o sentimento dos consumidores é dividida em duas partes. Na primeira temos como variável o **medo do desemprego e na segunda a satisfação com a vida**. O medo do desemprego aumentou no primeiro trimestre de 2019 e se manteve acima da média histórica de 49,9. Mas, em uma comparação histórica, podemos ver que ainda se encontra bem abaixo dos momentos mais críticos que foram entre 2015 e início de 2018, quando o indicador se manteve, por um bom período, acima de 60.

Indicadores Consumidor

Medo do Desemprego - difusão

Satisfação com a Vida



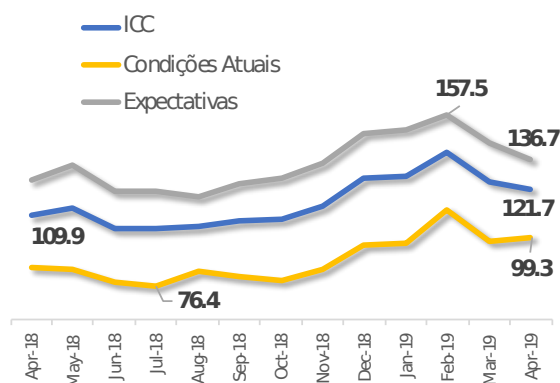
Fonte: CNI.

O índice de satisfação com a vida também caiu ligeiramente entre o último trimestre de 2018 e o primeiro trimestre de 2019, se mantendo abaixo da média histórica de 69,7. O movimento desses dois indicadores revela o quanto a situação econômica precária no Brasil, com **desemprego elevado** e muita incerteza com o ambiente prospectivo, impacta na vida dos cidadãos, aumentando o medo do desemprego e reduzindo a satisfação com a vida.

Por fim, avaliamos o ICC – Índice de Confiança do Consumidor, medido pela Fecomércio apenas para o estado de São Paulo. O objetivo do indicador é medir o **“humor” dos consumidores** relacionado a diversas questões divididas entre aspectos das condições atuais e expectativas. Seu valor oscila entre 0 e 200. Como pode ser visto pelo gráfico, o ICC apresentou uma alta significativa entre meados de 2018 e início de 2019, com as expectativas melhorando mais rapidamente que a avaliação das condições atuais. Porém, tal como verificamos em outros indicadores de confiança, a partir de fevereiro o consumidor passou a ter menor expectativa sobre o futuro e essa caiu rapidamente, em um movimento que foi mais acentuado que a avaliação das condições atuais.

ICC – Índice de Confiança do Consumidor

Segmentações



	Condições Atuais	Expectativas	Total
Menos de 10 SM	87	128	112
10 SM ou mais	126	154	143
Homens	104	146	129
Mulheres	95	127	114
Menos de 35 anos	103	136	123
35 anos ou mais	93	138	120

Fonte: ICC - Fecomércio

Quando abrimos o ICC com suas características, podemos ver que os consumidores mais confiantes ganham mais de 10 salários mínimos, são homens e possuem menos de 35 anos. Para aqueles de **renda mais alta** é interessante ver como a avaliação das condições atuais e das expectativas se diferencia dos demais níveis.

Perspectivas 2019

O grande fator a ser considerado nas previsões para 2019 é a frustração das expectativas. Esse foi o elemento que puxou para baixo a perspectiva de crescimento do PIB, projetada ainda ao final de 2018, de 3,5% para 0,8% em apenas cinco meses. Os **maiores**

desafios no horizonte estão relacionados ao ajuste fiscal da União e dos Estados, e que envolve, em especial, a aprovação da Reforma da Previdência.

3. O Setor de Borracha no Contexto Nacional

Os produtos feitos pela indústria de borracha, seja matéria prima, artefatos ou pneumáticos são consumidos em diversos outros segmentos industriais². Na ponta inicial temos o uso da **borracha natural** na fabricação e recauchutagem de pneus o que, por sua vez, atende o segmento de transporte de carga, fabricação de veículos automotores, caminhões, ônibus, tratores e motos. Além dos pneumáticos, diversas indústrias usam borracha natural para fabricação de itens que são vendidos para o setor de autopeças, com destaque para sistema de suspensão em veículos.

Além dos pneumáticos e da matéria prima, há ainda os artefatos de borracha. Diversas indústrias fabricam itens que são consumidos pelo segmento de Máquinas e Equipamentos que são usados em diversos setores. Nesse caso, quanto maior é a taxa de investimento da economia, com mais compra de maquinário, maior deve ser a demanda por produtos de borracha.

Dada a complexidade de uso dos produtos listados acima, o entendimento da demanda por borracha passa pela compreensão de

² Dentre os exemplos que podemos citar de artefatos de borracha, destaque para: Pistoneio para tubulação, taliscas e raspadores, retentor mancal de moenda, raspador/depilador suíno, raspador de correia, guarnição de válvula, vedação de borracha para indústrias de alimentação, disco ou junta de borracha, batoque para trocador de calor tipo casco tubo, cantoneira de borracha para uso industrial, vedação para válvula borboleta, coxim cilíndrico, batedor expulsor, roldana vulcanizada, suporte de cabeçote para impressora digital, ventosas de silicone e diversos outros pequenos itens.

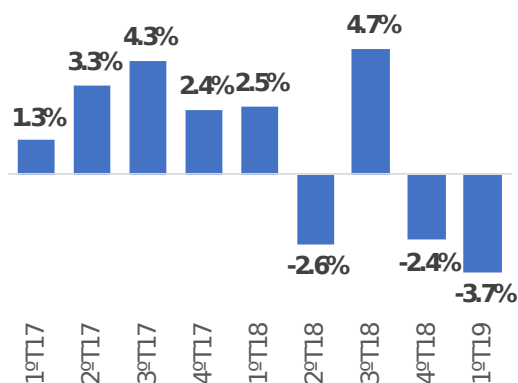
como está indo alguns **segmentos da indústria brasileira**. Nesse caso, avaliamos primeiro a indústria de bens de capital e de produtos intermediários para entender o contexto no qual o setor está inserido.

O reflexo do baixo investimento que tem ocorrido na economia brasileira é a baixa demanda por bens de capital. Nos dois últimos trimestres tivemos queda na produção de bens de capital no Brasil, sendo que a retração do primeiro trimestre de 2019 foi a mais intensa dos últimos trimestres. Na mesma linha podemos ver o comportamento da indústria de **bens intermediários**, com queda nos dois últimos trimestres.

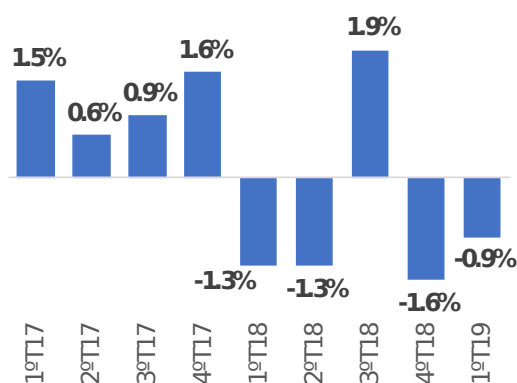
Produção Industrial - Categorias de Uso

(var % sobre trimestre anterior)

Bens de Capital



Bens Intermediários



Fonte: IBGE

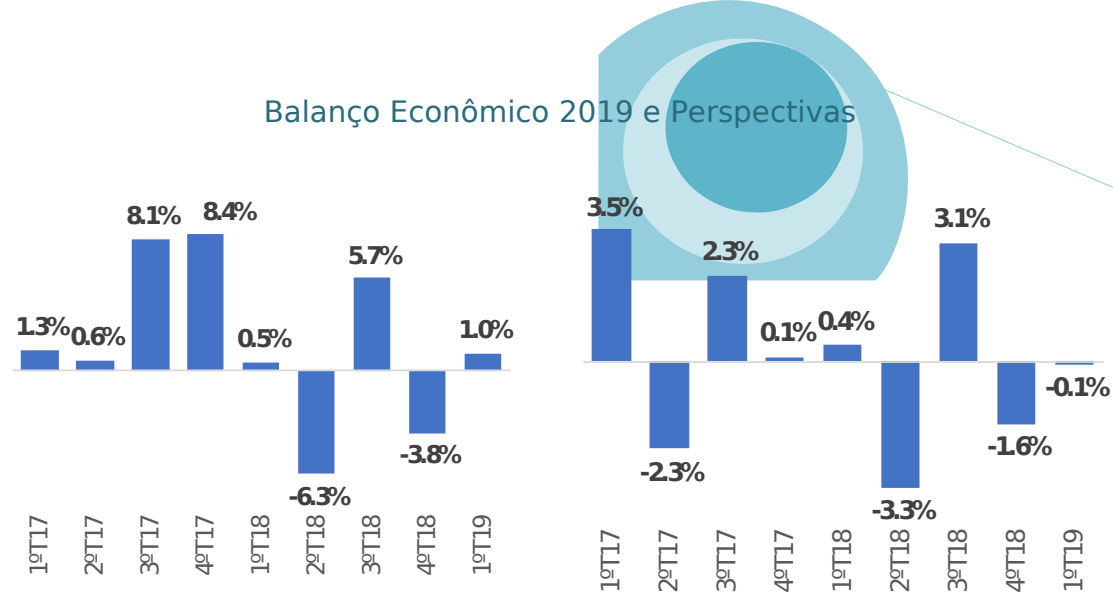
Esse cenário se contrasta um pouco com o comportamento da produção de bens de **consumo duráveis** que, após queda no quarto trimestre de 2018, teve uma ligeira expansão no primeiro trimestre de 2019. Na indústria de semi e não duráveis o cenário também é de produção em queda, mas bem menos acentuada que no segmento de bens de capital e intermediários.

Produção Industrial - Categorias de Uso

(var % sobre trimestre anterior)

Consumo Duráveis

Semi e não-duráveis



Fonte: IBGE

Com a indústria de bens de capital em queda, é natural imaginar que a demanda por produtos de borracha destinados a atender a produção de máquinas e equipamentos tenha queda. O mesmo podemos dizer sobre a indústria de bens intermediários, que acaba demandando menos itens classificados como artefatos de borracha. Nesse cenário mais recessivo, um dos poucos segmentos que apresentou melhor demanda foi o de **veículos automotores**, gerando um impacto positivo sobre a demanda de pneumáticos.

Os dados da produção industrial de pneumáticos acompanharam o ciclo de expansão do setor de veículos entre o final de 2016 e início de 2018 quando o setor chegou a ter aumento de produção da ordem de 10,7%. Com a perda de fôlego da indústria de veículos, atingida principalmente pela queda das exportações, a demanda por pneumáticos começou a arrefecer, encerrando o ciclo de expansão anterior. Em 12 meses essa produção está em queda de 1,8% e ainda sem perspectivas de voltar a crescer nos próximos meses. Cenário parecido pode ser visto com o comportamento da **produção industrial total de borracha** que foi influenciada, em grande medida, pela produção de pneumáticos.

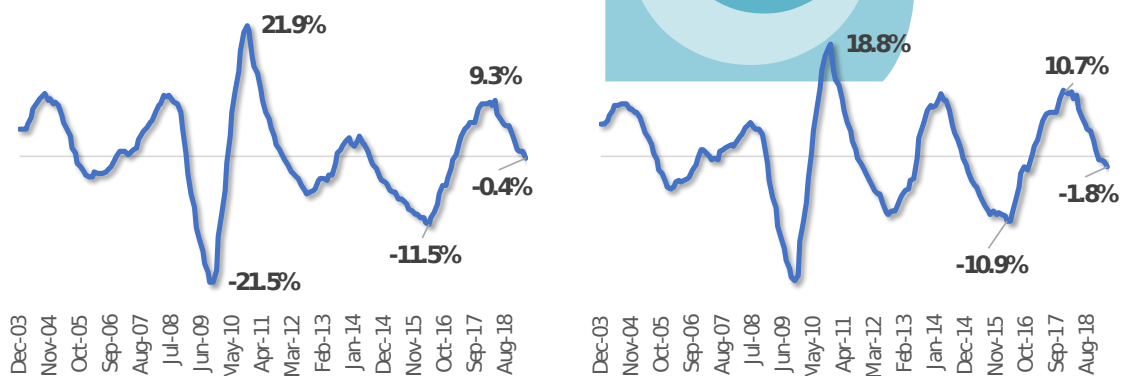
Evolução da Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)

Produtos de Borracha

Pneumáticos e Câmara de ar

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



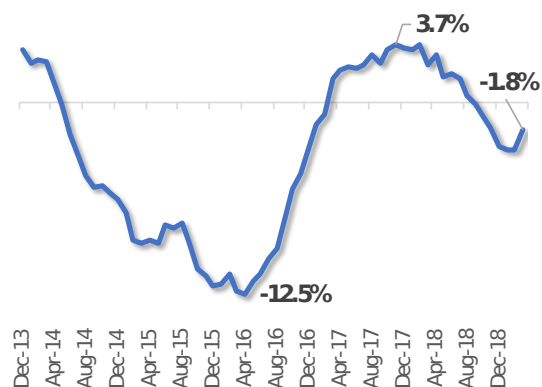
Fonte: IBGE

Outros indicadores do setor que corroboram com o encerramento do ciclo de expansão anterior são produzidos pela CNI. Nesse caso, o faturamento do setor de borracha acompanhou o avanço da produção, mas em menor magnitude chegando a uma expansão de 3,7%. Logo a seguir o faturamento do setor arrefeceu e chegou a ter queda de pouco mais de 2% para, a partir de então, ensaiar uma pequena recuperação. O mesmo **ciclo de expansão da produção e faturamento** foi acompanhado pelo mercado de trabalho no setor. Os empregos, que chegaram a cair 11% em seu pior momento em uma análise de 12 meses terminados em agosto de 2016, começaram a se recuperar, mas nem chegaram a apresentar variação positiva e logo arrefeceu.

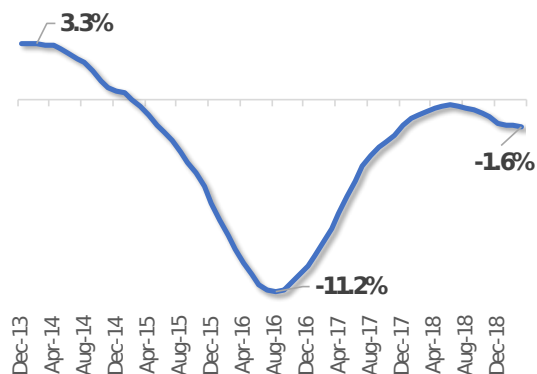
Indicadores Industriais - Brasil

(var % ac. em 12 meses)

Faturamento



Emprego

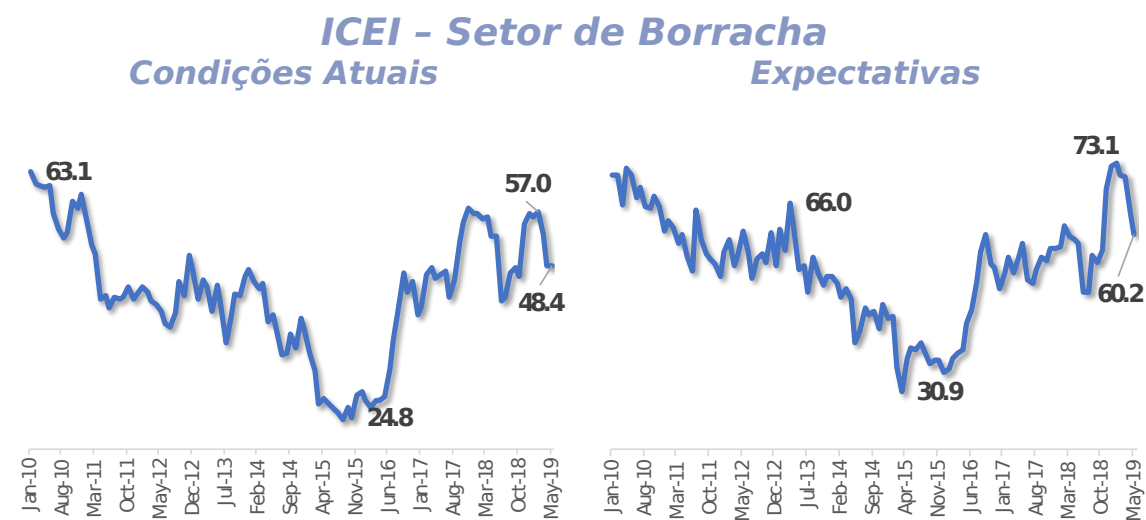


Fonte: CNI

A melhor da confiança nas condições atuais e também na expectativa dos empresários do setor de borracha ocorreu da mesma

forma que a confiança dos empresários industriais com o fim do processo de impeachment³. O indicador das **condições atuais** chegou a ultrapassar a marca divisória de 50 e sinalizar uma confiança no mesmo nível de 2011. Mas, a rápida decepção com o início de governo, em especial com as dificuldades políticas em montar uma coalizão que pudesse acelerar a aprovação da reforma da previdência, trouxe o indicador de confiança nas condições atuais para abaixo de 50 novamente.

Porém, as expectativas dos empresários do setor de borracha tiveram trajetória um pouco distinta, da mesma forma que a magnitude. A recuperação das expectativas com o resultado do pleito eleitoral de 2018 trouxe o indicador para um nível recorde de 73 e, mesmo o arrefecimento dessa expectativa nesse primeiro trimestre ainda deixa o indicador em um patamar de 60, sinalizando que **os empresários ainda estão otimistas** com o futuro.



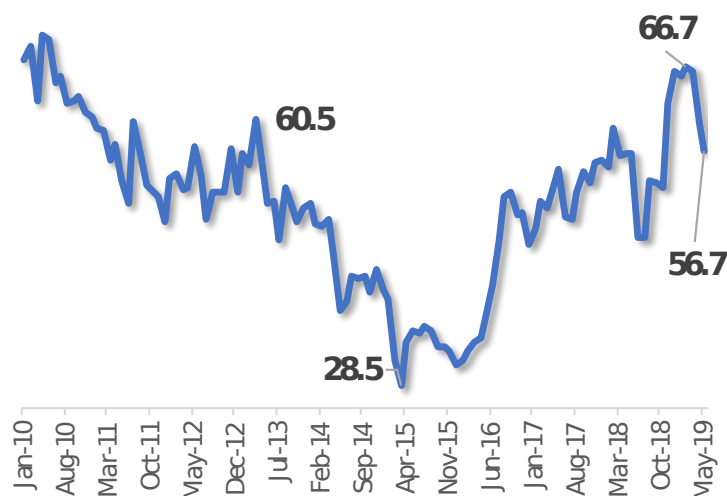
Fonte: CNI

O ICEI - Índice de **Confiança do Empresário** Industrial, dado pela composição dos indicadores de condições atuais e expectativa, e medido para o setor de borracha, foi a um nível recorde de 66 pontos, sinalizando elevada confiança. Mas a perda de confiança recente trouxe o mesmo para perto de 50. Note que ambos os componentes,

³ Atenção para o fato de que os indicadores da CNI contemplam o setor de borracha e plástico.

condições atuais e expectativas, foram responsáveis por essa perda de confiança dos empresários.

ICEI - Setor de Borracha



Fonte: CNI

As exportações representam um componente importante para o setor de borracha. Porém, o comportamento das **exportações**, quando medido em dólares, vem caindo ano a ano desde 2012, após ter atingido o pico de US\$ 3,3 bilhões. Atualmente, quando medido em 12 meses, as exportações de borracha estão em US\$ 2,2 bilhões.

A receita em dólares tem que ser convertida para reais para configurar o verdadeiro impacto sobre o faturamento do setor no Brasil. Nesse caso, fazendo isso pelo câmbio médio de cada mês e trazendo para valor presente pelo IPCA, podemos ver um movimento cíclico na receita das exportações em reais que é influenciada, em grande parte, pelo movimento do câmbio.

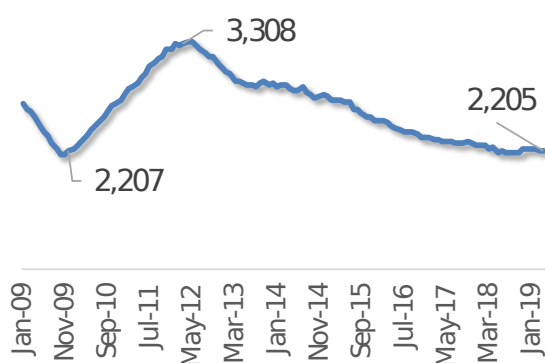
Mesmo com a queda das exportações em dólares, em 2015 chegamos ao pico de receita de R\$ 10 bilhões com as exportações. Atualmente essa receita está em R\$ 8,5 bilhões e se **contrasta com o movimento de exportações** em dólares.

Exportações de Borracha e Plástico - BR

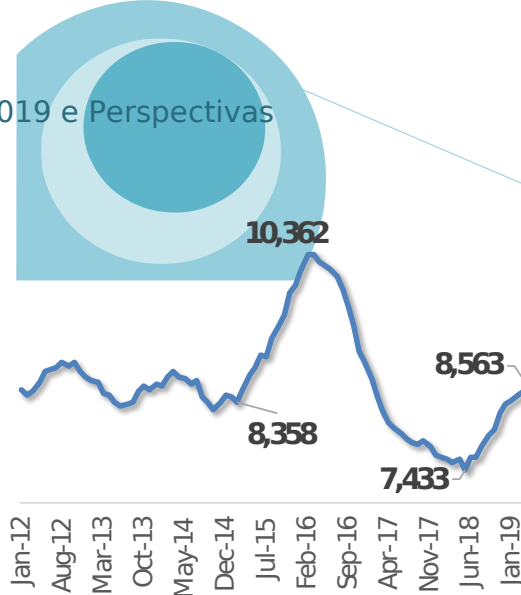
(Em US\$ ac. 12 meses)

(Em R\$ ac. 12 meses)

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



Fonte: SECEX/FIERGS

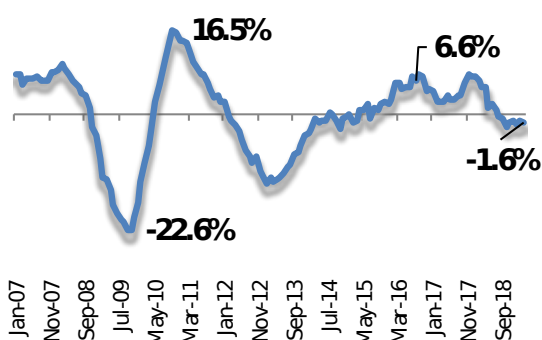


Fonte: SEC EX/FIERGS

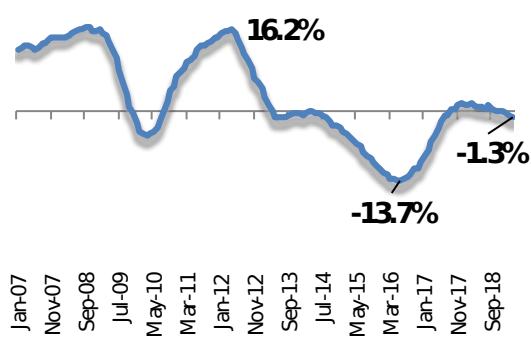
Dois indicadores podem ser avaliados para dar uma melhor dimensão do movimento dessas exportações ao longo do tempo. O primeiro deles é o índice de **quantidade de exportação**, calculado pelo IPEA. Veja que desde 2012 a quantidade exportada de borracha veio aumentando até atingir o pico de expansão de 6,6%. Note que esse comportamento se contrasta com as receitas obtidas com as exportações em dólares. Isso se explica pelo movimento inverso que ocorreu com os preços de exportação de borracha. Os mesmos iniciaram uma tendência de queda em 2012 e que chegou, em meados de 2016, a uma retração total de 13%. Recentemente nota-se uma recuperação, mas que se mantém estável em 12 meses.

Exportações de Borracha - Brasil

Número índice - var. % em 12 meses



Índice de Preço - Var.% em 12 meses



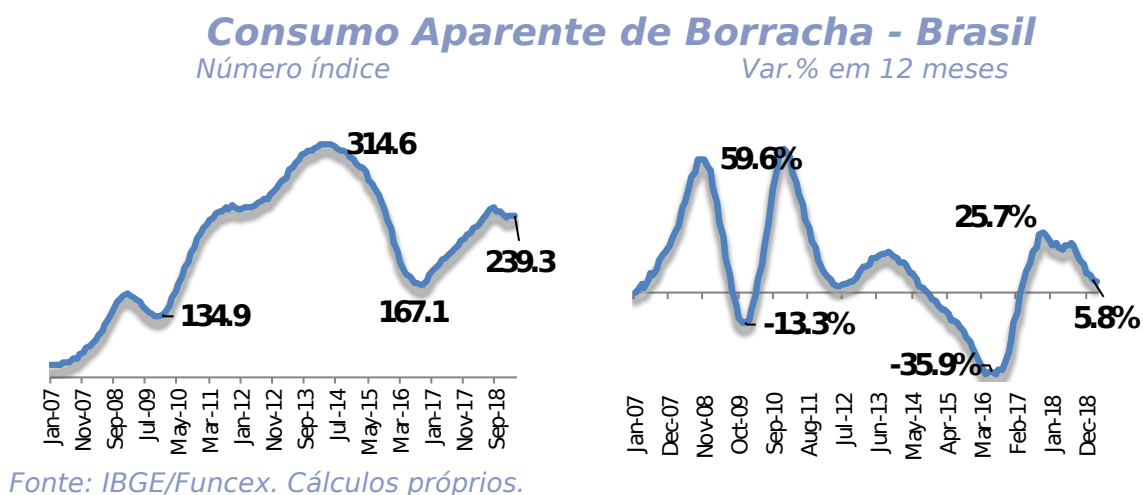
Fonte: IBGE/Funcex. Cálculos próprios.

Portanto, temos que o setor passou a exportar uma quantidade maior de borracha, mas com um preço médio menor o que acabou resultando em um valor final exportado, em dólares, menor. Parte

dessa perda de recursos foi compensada com uma taxa de câmbio média mais favorável, que eliminou parte dos prejuízos obtidos com a queda do preço das exportações.

Ao avaliar a quantidade exportada, juntamente com a produção e a quantidade importada, temos uma ideia do que se denomina de **consumo aparente**. A ideia é reproduzir o que a economia interna está consumindo de borracha, independente se foi produzido no país ou importado⁴, e aproximar uma demanda interna pelo produto.

Como mostram os resultados do gráfico, o consumo aparente de borracha esta em um patamar bem mais baixo do que o verificado ainda em 2014. Veja como a economia interna **absorveu uma quantidade cada vez menor** de borracha, quase a metade, durante o período recessivo de 2014 a 2016. Desde então é possível notar uma recuperação, mas que ainda deixa o consumo aparente de borracha em um nível que é 80% do melhor momento para o setor.



⁴ Os indicadores disponíveis para cálculo do consumo aparente se referem ao segmento de borracha e plástico.

4. O RIO GRANDE DO SUL NO 1ºT 2019

A recessão que atingiu a economia brasileira entre 2014-2017, teve repercussões em todos os Estados, com as diferenças ocorrendo de acordo com as características econômicas específicas. Em alguns casos, essa crise esteve relacionada a **situação fiscal delicada**, como foi o caso do RS, MG e RJ em especial, com elevado comprometimento de receita para pagamento de folha de ativos e inativos e uma elevada relação dívida/RCL – Receita Corrente Líquida. Em outros estados mais industrializados, como foi o caso de São Paulo, a crise se mostrou mais concentrada no setor industrial.

A melhora do ambiente econômico pós *impeachment* permitiu uma recuperação em um curto espaço de tempo para várias regiões, mas que ainda se mostra tímida. Analisando os Estados da região Sudeste e Sul, que agregam pouco mais de 80% do PIB nacional, em um período de 12 meses podemos ver que a penas o Rio de Janeiro ainda **sente os efeitos da recessão**. Aqui, além da questão fiscal, temos também a crise que se abateu sobre o setor de Petróleo e Gás.

IBC - Proxy do PIB Estados

	1ºT19/4ºT18	12 meses
Espírito Santo	-0.1%	3.2%
Minas Gerais	0.7%	1.8%
Rio de Janeiro	0.4%	-0.6%
São Paulo	1.6%	1.6%
Sudeste	1.1%	1.3%
Paraná	0.0%	1.7%
Santa Catarina	0.1%	2.6%
Rio Grande do Sul	0.5%	3.5%
Sul	0.1%	2.5%
Brasil	-0.7%	0.9%

Fonte: BCB

No agregado, quando medido pelo indicador calculado pelo Banco Central e que serve como proxy do PIB, o Brasil teve uma queda no PIB de -0,7% (o indicador oficial do IBGE apontou -0,2%). Destaca-se que esse indicador do Banco Central serve mais como

referência de tendência e ciclo do que propriamente para medir magnitude. Tanto a região Sul quanto a região Sudeste tiveram crescimento no primeiro trimestre. Nesse caso, o destaque foi o desempenho de São Paulo, com expansão de 1,6%, enquanto que ***todos os Estados do Sul*** tiveram desempenho tímido.

Portanto, ao analisar o desempenho do RS nesse primeiro trimestre devemos considerar que apesar das dificuldades fiscais, que é um fator específico, há outros muito importantes que estão prejudicando toda a economia nacional, como a falta de demanda, a queda da produção industrial e, além disso, a retração das exportações de setores específicos, como no caso de auto veículos.

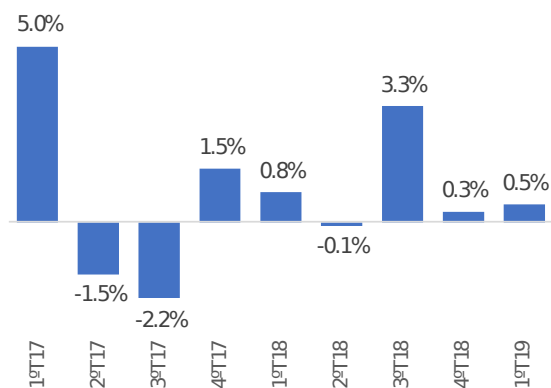
PIB

Apesar do número mais baixo de desempenho do RS nesse primeiro trimestre, vale destacar que ***é o terceiro com expansão*** e, no horizonte de seis trimestres, a sequência de crescimento somente foi interrompida por uma ligeira queda do PIB no segundo trimestre de 2018. Portanto, a economia gaúcha não está desempenhando tão mal, ponderando pelas dificuldades que verificamos no cenário nacional. Veja que em 12 meses a tendência de recuperação da produção é nítida.

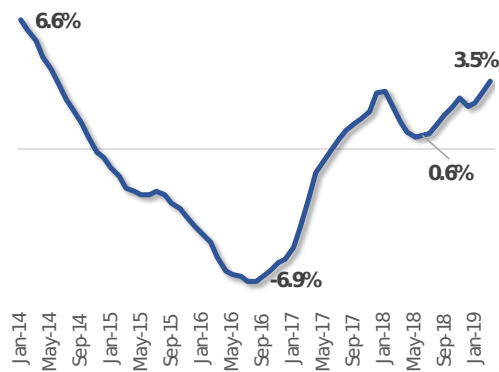
IBC-RS - Proxy do PIB do Rio Grande do Sul

(Var.% no trimestre)

(var. % em 12 meses)



Fonte: BCB



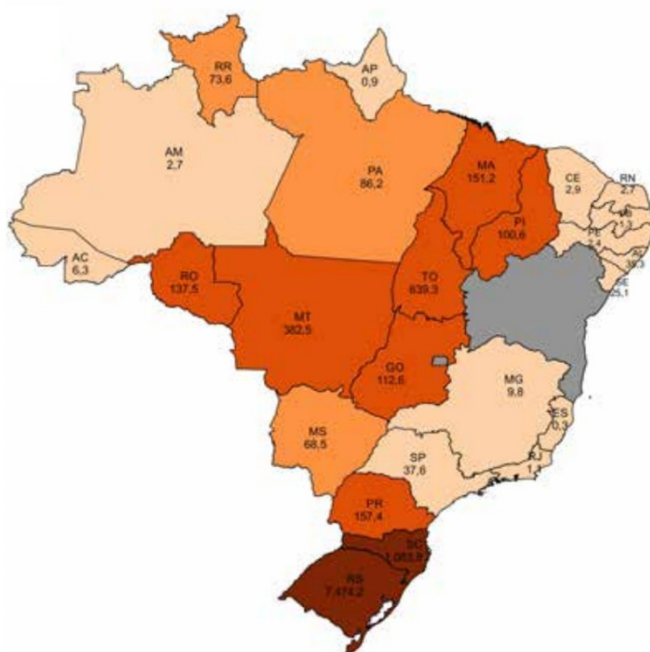
Fonte: BCB

Em uma análise setorial podemos ver que para o período passado, tivemos contribuições positivas da agropecuária e do setor de serviços. Mas, sem sombra de dúvidas, foi a indústria que deu uma grande contribuição para essa recuperação. A seguir vamos analisar cada um desses setores.

Agropecuária

O RS é um grande produtor de grãos, com destaque para três culturas: o **arroz, a soja e o milho**. No primeiro caso, até pelas características de clima e solo, o RS é o maior produtor de Arroz do

Produção de Grãos - Arroz



Brasil, e, para a safra 2018/19, de acordo com as últimas estimativas da Conab, a perspectiva é que se atinja os 7,4 milhões de toneladas. Apesar de ainda ser considerada significativa, vale destacar que esse resultado representa uma redução de 11% sobre a safra anterior e deve trazer dificuldades para diversas pequenas cidades que possuem a renda vinculada ao

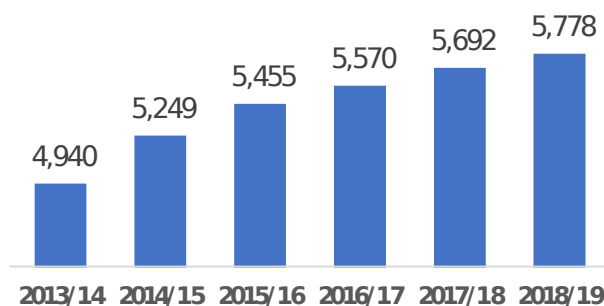
desempenho da safra de arroz. Além do RS, podemos ver no mapa que o segundo maior produtor no Brasil é SC, que deve ter uma safra de 1,08 milhão de toneladas, uma queda de 5,9% sobre a safra anterior. No total, a produção de arroz no Brasil deve ser de 10 milhões de toneladas na safra 2018/19, com queda de 12% sobre a anterior. Esse resultado será impactado, principalmente, pelo **arroz irrigado do RS** e de SC.

Outra cultura importante para o RS é o milho, com 5,7 milhões de toneladas previstas para essa safra de 2018/19, o que representa uma expansão de 19% sobre a safra anterior. Os bons números da safra de milho no Estado coincidem com os resultados esperados para as outras regiões produtoras, como no Paraná, Mato Grosso e Goiás.

Por fim temos a Soja, cuja perspectiva de safra atual é que se atinja os 5,7 milhões de toneladas representando um crescimento de 1,5% sobre a safra anterior. Em uma análise histórica podemos ver que o crescimento da produção de **soja no Estado tem sido consistente**, e a atual safra deve representar cerca de 1 milhão de tonelada a mais que a produção colhida na safra 2013/14.

Produção de Soja - RS

(1.000 toneladas)



Fonte: Conab

Na pecuária, os indicadores disponíveis para o Estado estão ligados a abate, em especial para bovinos. Nesse caso, o Rio Grande do Sul chegou a abater um total de 595 mil cabeças no último trimestre de 2018, se constituindo no recorde histórico.

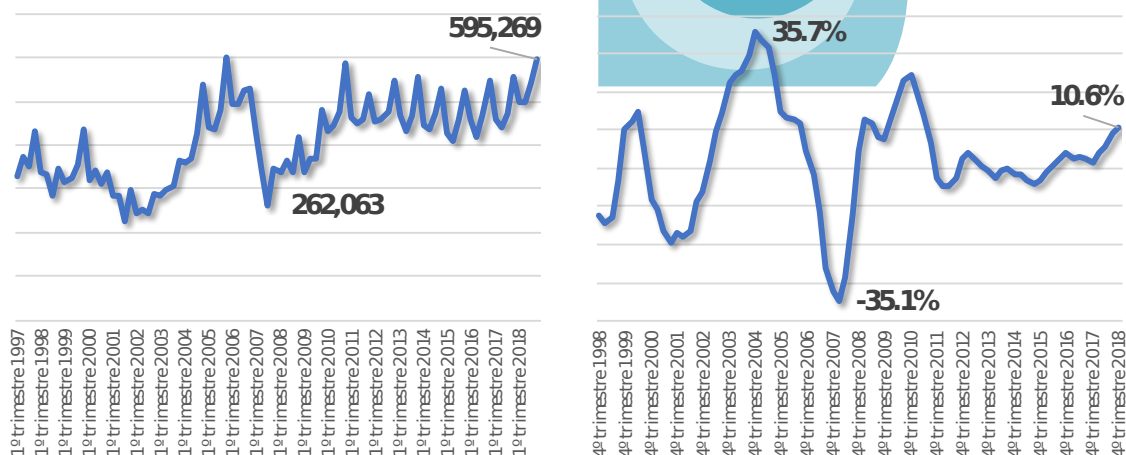
Bovinos Abatidos - total

(cabeças)

Bovinos Abatidos - total

(var. % em 12 meses)

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



Fonte: IBGE

Fonte: IBGE

Esse resultado representa um avanço, em 12 meses, de 10,6% e aponta para um resultado, no ano de 2019, que será positivo. Sendo assim, como podemos ver pelos números preliminares, **agropecuária no Estado** pode ter um ano de 2019 razoavelmente bom, a despeito do cenário mais deprimido para a atividade econômica no país.

Indústria

O setor industrial no Brasil entrou em uma profunda recessão que o lançou para o ponto mais baixo de participação sobre o PIB da história. De fato, a crise que atingiu o Brasil entre 2014-2017 derrubou a confiança dos agentes econômicos reduzindo investimentos e puxando para baixo a produção industrial. Com o aumento do desemprego o cenário negativo se retroalimentou em meio a uma **insegurança jurídica e política** que se desenhou durante todo o período pré eleição de 2018.

Indústria de Transformação - Estados

	1ºT19/ 4ºT18	Em 12 meses
Amazonas	6.4%	-1.8%
Pará	-5.0%	7.2%
Ceará	-1.2%	-0.5%
Pernambuco	1.1%	2.8%
Bahia	-3.3%	0.0%
Minas Gerais	-2.5%	-1.6%
Espírito Santo	-10.3%	-2.4%
Rio de Janeiro	0.0%	1.0%
São Paulo	0.6%	-1.5%
Paraná	3.4%	3.5%
Santa Catarina	0.5%	3.0%
Rio Grande do Sul	-0.3%	6.1%
Mato Grosso	-3.1%	-1.5%
Goiás	5.8%	-4.1%
Brasil	0.1%	-0.5%

Fonte: IBGE.

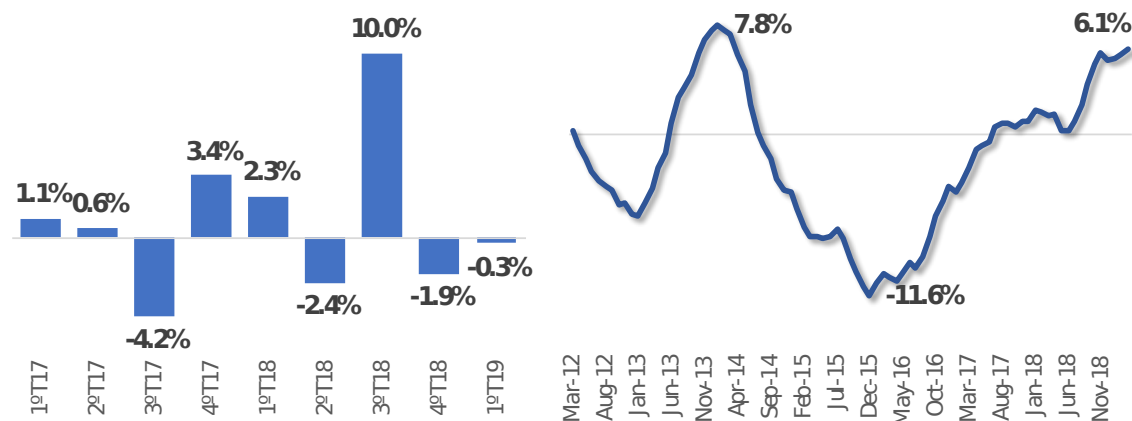
Todos os Estados brasileiros que contam com um parque industrial sentiram esse cenário recessivo. Na medida em que a economia foi retomando, foi possível ver segmentos se desempenhando melhor que outros, como foi o caso da indústria de veículos automotores, impactando nas regiões onde a mesma se encontra. Porém, as expectativas mudaram no primeiro trimestre de 2019 e com ela a produção e a demanda, afetando novamente o setor industrial. Analisando em uma perspectiva mais longa, enquanto que a indústria nacional cai 0,5% em 12 meses, há Estados com uma queda mais acentuada, como é o caso do Amazonas, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Por outro lado, alguns **estados estão se destacando**, como Pará, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Pernambuco.

No Estado gaúcho podemos ver que o resultado da produção industrial em 12 meses é bem consistente e é uma continuidade do processo de recuperação ocorrido ao final de 2015, quando o setor chegou a cair 11% em 12 meses. Dentre os fatores que ajudam a explicar essa recuperação estão, principalmente, as exportações e a indústria metal mecânica, com destaque para veículos automotores.

Produção Industrial - RS

Var.% trimestral

Var.% em 12 meses



Fonte: IBGE

Mas, o movimento recente tem sido de arrefecimento da produção industrial no Rio Grande do Sul. Os dois últimos trimestres foram de queda, que se seguiram a uma significativa elevação de 10% no terceiro trimestre de 2018 e o desempenho em 12 meses reflete um efeito estatístico que deve dissipar ainda em 2019. A expectativa é que o setor, nesse ano, não tenha um crescimento dessa magnitude por conta da **estabilidade na produção do metal mecânico**, que ficou evidente nos últimos meses, além da menor dinâmica das exportações.

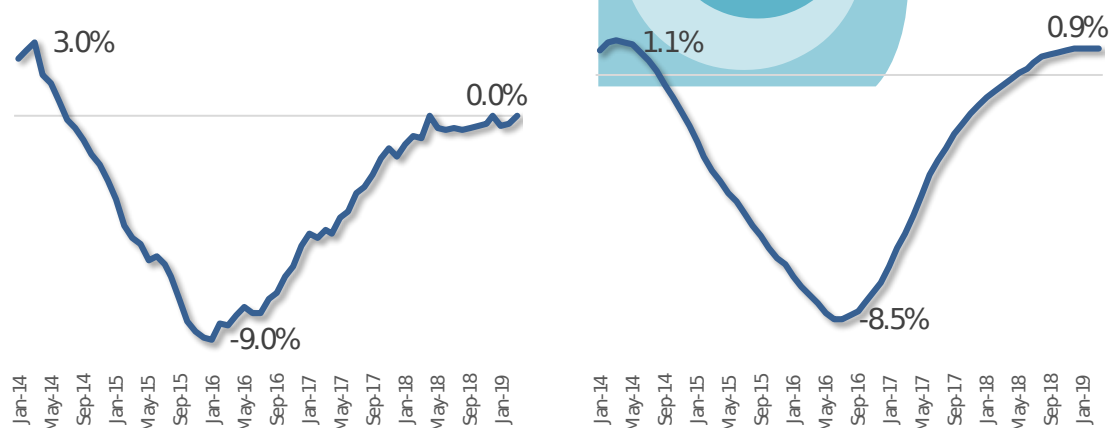
Outros sinais de que esse ciclo de expansão se esgotou podem ser vistos nos indicadores industriais, calculados pela FIERGS. Dentre esses indicadores há três que estão relacionados ao **mercado de trabalho** e que se comportam em linha com o momento no Brasil. As horas trabalhadas, por exemplo, após a recuperação dos últimos dois anos, se estabilizaram. Na mesma linha se comportou o emprego no setor industrial.

Variação Percentual em 12 meses - RS

Horas Trabalhadas

Emprego

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



Fonte: FIERGS.

A composição de ambos indicadores deixa claro que a indústria parou as contratações e reduziu as horas trabalhadas, e isso já afeta o rendimento médio que se estabilizou em uma queda de 2% em 12 meses, devolvendo parte da recuperação cíclica ocorrida nos últimos dois anos.

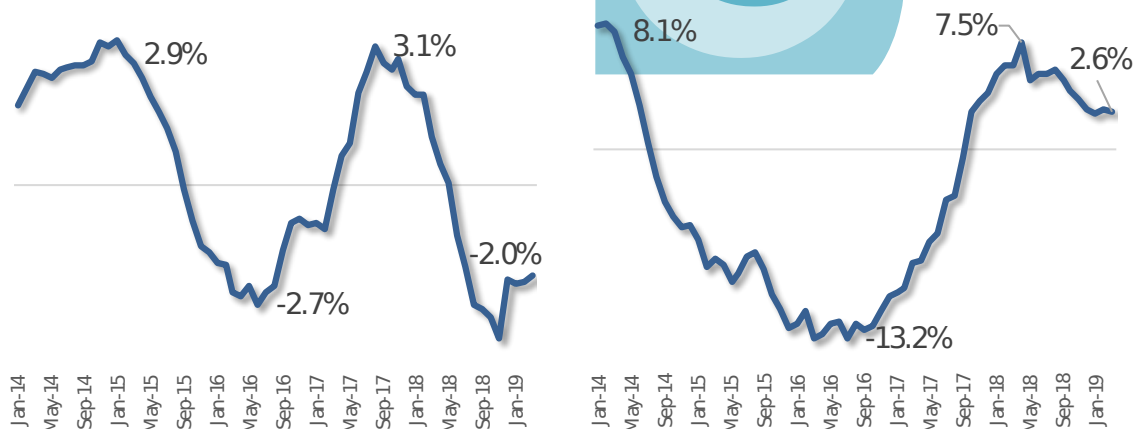
Por outro lado, em linha com o aumento da produção do setor podemos ver que o faturamento real chegou a se expandir 7,5% quando medido em 12 meses. Porém, o movimento recente de arrefecimento do mercado afetou o **faturamento das indústrias** e já é possível ver que esse cresce a uma velocidade menor e assim deve seguir pelos próximos trimestres terminando o ano perto de 0%. Outro indicador que mostra o fim do ciclo recente de expansão é a UCI – Utilização da Capacidade Instalada, que se estabilizou em 81%.

Variação Percentual em 12 meses - RS

Rendimento Médio

Faturamento

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



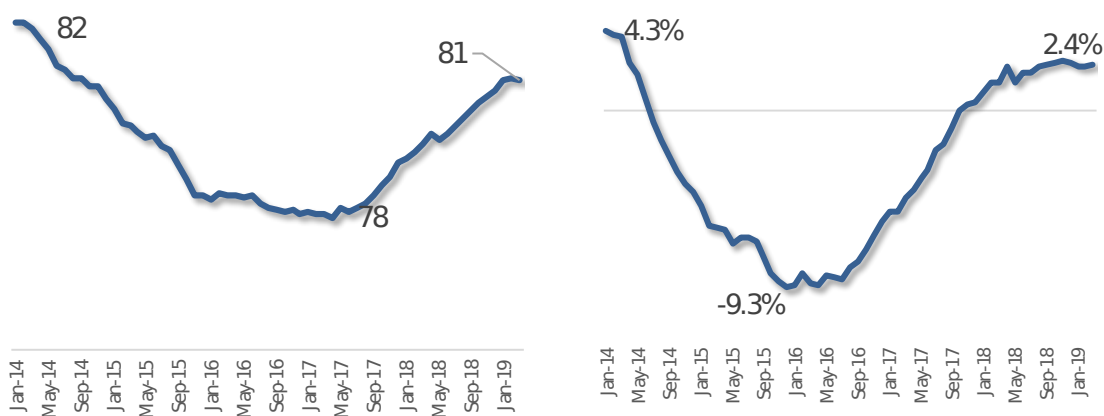
Fonte: FIERGS.

A composição de alguns indicadores industriais resulta no que se denomina de IDI - Índice de Desempenho Industrial. Sua leitura é no sentido de permitir ter uma visão mais ampla da realidade conjuntural do setor ao agregar informações de faturamento, compras e indicadores do mercado de trabalho. Note que, em linha com o verificado para seus fatores, o IDI veio de um período de recuperação que durou cerca de dois anos e, mais recentemente, **aponta para estabilidade.**

Variação Percentual em 12 meses - RS

UCI média

IDI - Indicador de Desempenho



Fonte: FIERGS.

A avaliação de alguns indicadores industriais para os setores, com variação percentual em 12 meses, permite ter uma visão mais clara do momento que a indústria vive. Em termos de faturamento, os setores cujo desempenho está acima da média são veículos automotores, produtos e madeira, equipamentos de informática, máquinas equipamentos e materiais elétricos, calçados e metalurgia.

Os piores resultados estão na indústria de impressão e reprodução, vestuário, têxteis e alimentos.

Indicadores Industriais - RS

(var.% em 12 meses)

	Faturamento	Emprego	IDI
Alimentos	-11.3%	0.5%	-1.0%
Bebidas	-9.4%	0.3%	-1.4%
Tabaco	2.5%	2.1%	4.4%
Têxteis	-13.9%	-12.5%	-10.3%
Vestuário e acessórios	-15.0%	-6.1%	-8.7%
Couros e calçados	4.8%	-4.7%	-0.6%
Couros	4.6%	-1.1%	3.2%
Calçados	6.1%	-4.8%	-1.0%
Produtos de Madeira	14.8%	-1.8%	6.3%
Impressão e Reproduções de gravações	-15.4%	-3.7%	-4.2%
Químicos, derivados de petróleo e biocomb.	-4.9%	4.7%	-1.1%
Borracha e de material plástico	3.3%	0.7%	3.2%
Borracha	-3.2%	-0.5%	0.0%
Metalurgia	7.2%	3.3%	9.8%
Produtos de metal	-0.7%	0.9%	1.4%
Equip. de informática, prod. Eletrôn.e ópticos	14.7%	0.3%	12.5%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	11.1%	-0.1%	4.6%
Máquinas e equipamentos	2.5%	-0.3%	4.8%
Máquinas agrícolas	-1.4%	-1.3%	5.4%
Veículos automotores	21.9%	20.6%	16.6%
Móveis	-2.4%	1.2%	-0.4%
Indústria Total	2.6%	0.9%	2.4%

Fonte: FIERGS.

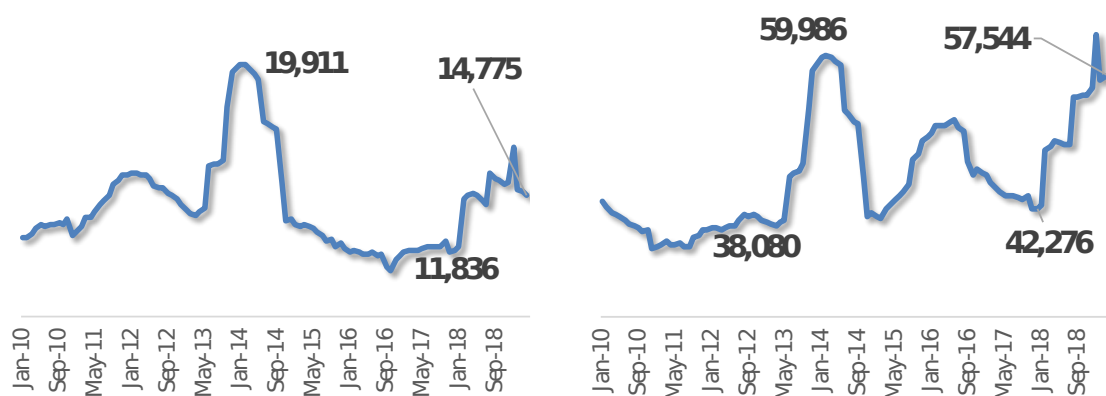
Veja que há segmentos onde há aumento do faturamento, mas queda do emprego, como em couro e calçado, produtos de madeira, máquinas aparelhos e material elétrico e máquinas e equipamentos. Em outros cinco segmentos podemos ver que há **queda do faturamento e aumento do emprego**, como em alimentos, bebidas, químicos, produtos de metal e móveis.

O resultado do IDI setorial sinaliza que os segmentos que apresentam uma dinâmica melhor estão localizados principalmente no metal mecânico, com destaque para veículos automotores, borracha, produtos de madeira e tabaco.

Tal como verificamos no setor no Brasil, esse ciclo de recuperação da indústria gaúcha teve uma forte contribuição das exportações. Veja que, quando medidas em dólares, essas passaram de US\$ 11,8 bilhões em 12 meses terminados em meados de 2016 para US\$ 14,7 bilhões ao fim do primeiro trimestre de 2019.

A conversão desses valores para medir seu impacto no faturamento em reais é feita considerando a taxa de câmbio média de cada mês e trazendo a valor presente pelo IPCA. Nesse caso, o **faturamento em reais** com as exportações passou de R\$ 42 bilhões em 12 meses ao fim de 2017 para R\$ 57 bilhões no fim do primeiro trimestre de 2019.

Exportações Industriais em 12 meses - RS



Fonte: SECEX/FIERGS.*Borracha e Plástico

Outro vetor importante desse processo de recuperação cíclica foi a confiança dos empresários industriais. A FIERGS calcula o ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial para o total da indústria e segmentos. Esse é composto, da mesma forma que o cálculo da CNI para o Brasil, de medidas que consideram as **condições atuais e as expectativas**.

Veja que, para o industrial gaúcho, a melhora da confiança nas condições atuais vem desde o início de 2016 e tomou folego após o impeachment ainda em meados daquele ano. Durante o processo eleitoral de 2018 arrefeceu um pouco, mas logo retomou para então, nesse primeiro trimestre de 2019, ter ligeira queda. Apesar disso, o

índice ainda permanece acima de 50, sinalizando que há uma pequena confiança nas condições atuais.

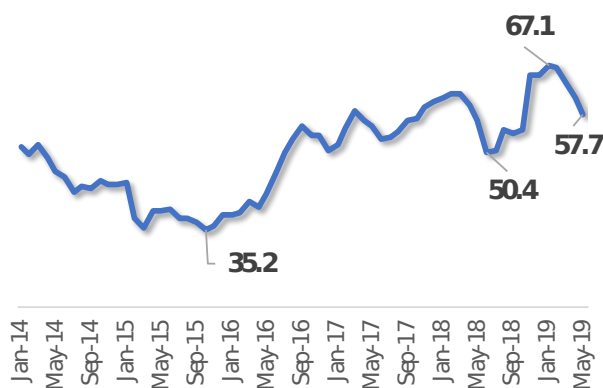
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial - RS



Fonte: FIERGS.

Quando comparado com o **indicador de expectativas** podemos ver que o empresário industrial do Rio Grande do Sul está mais confiante na melhora da economia do que em relação as condições atuais. E mesmo o movimento recente de queda dessa expectativa ainda deixa o indicador em 61, revelando boas expectativas para os próximos seis meses.

ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial - RS



Fonte: FIERGS.

A composição desses dois indicadores resulta no ICEI total. Como era de de esperar, esse segue trajetória parecida, com

aumento da confiança durante o período 2016-2017 e pequena queda no primeiro trimestre de 2019. O patamar atual do indicador sinaliza que o empresário industrial do Rio Grande do Sul ***ainda está confiante***, apesar dos números ruins da economia e das incertezas sobre a aprovação da reforma da previdência.

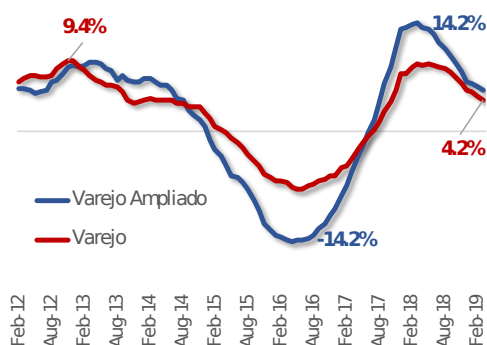
Serviços - RS

O setor de serviços é o que mais peso tem na composição do PIB do Estado do Rio Grande do Sul e, em destaque, a importância do Governo e das vendas do comércio. Vimos que o cenário para a agropecuária se diferenciou da média da economia, apresentando bons resultados para a safra de grãos e abate de bovinos. Chama atenção também o comportamento da indústria, com uma taxa de crescimento bem acima da média do Brasil, mas que, nesse primeiro trimestre, já apresenta um arrefecimento. Esses fatores em conjunto contribuíram para ***gerar renda local*** e, com isso, incentivar as vendas do comércio.

Comércio RS

Var. % em 12 meses

Segmentos do Comércio



	1ºT19/1ºT18	12 meses
Comércio Varejista	2.1%	3.5%
Combustíveis e Lubrificantes	14.5%	6.0%
Super,Hiper, alimentos e fumo	-2.2%	1.0%
Vestuário	9.1%	9.5%
Móveis e Linha Branca	-0.8%	1.5%
Farmaco e Cosmético	3.0%	4.7%
Livros e Papelarias	-16.5%	-16.8%
Equip. comunicação	5.5%	8.3%
Uso pessoal	0.6%	8.2%
Varejo Ampliado	3.5%	5.2%
Veículos e Partes	13.3%	14.6%
Material de construção	-3.5%	0.2%

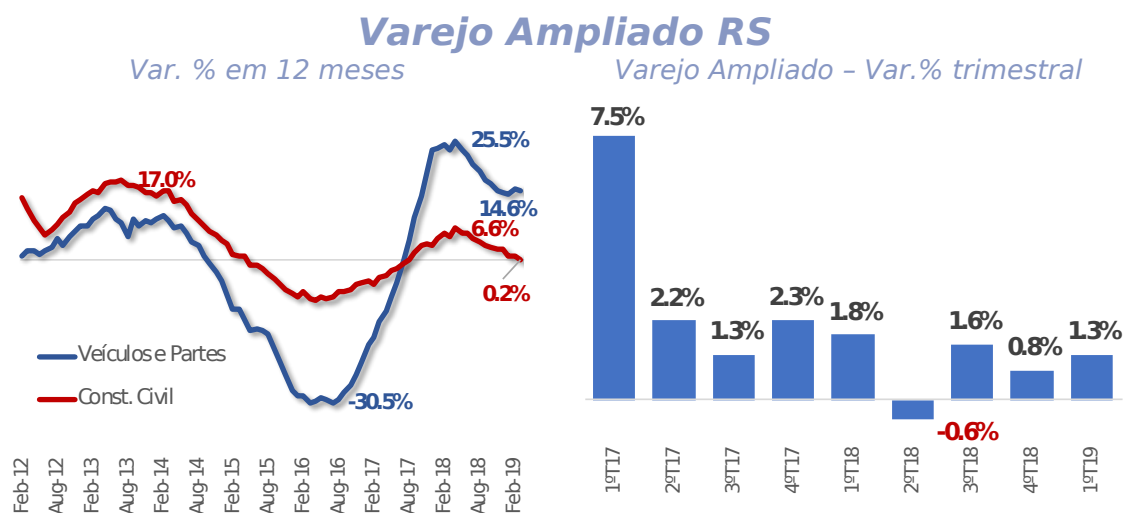
Fonte: IBGE.

Em 12 meses o comércio varejista do RS avança 3,5%, com destaque para as vendas de vestuário e equipamentos de comunicação e de uso pessoal. O único segmento com queda são as vendas de livros e papelarias, com -16% e que reflete uma ***mudança de comportamento dos consumidores*** ao usarem mais conteúdo eletrônico do que impresso. Destaca-se que esse resultado também

ocorreu na média do Brasil, não se configurando como um movimento atípico da economia do Estado.

Ao somar as vendas de veículos e peças, além de materiais de construção, podemos ver que as vendas do comércio se ampliam para 5,2% quando medidas em 12 meses (comércio varejista ampliado). Esse resultado é mais significativo que o verificado para a média do Brasil, que ficou em 4,1%. As vendas de veículos e partes no RS crescem 14% contra 12% no Brasil, mas por outro lado, as **vendas de materiais de construção** avançam apenas 0,2% no Estado enquanto chegam a 2,8% na média do Brasil.

Ao analisarmos a tendência (gráfico de 12 meses), apesar dos bons números recentes podemos ver que está em curso um processo de desaceleração tanto nas vendas do comércio quanto nas vendas do comércio ampliado. E, o que os diferenciava, em especial o comportamento das vendas de veículos, tende a desaparecer nos próximos meses, uma vez que os consumidores perderam o ímpeto no consumo.



Fonte: IBGE.

De fato, ao analisar as vendas de veículos em 12 meses podemos ver que a taxa atual de 14% é bem menor do que a verificada no início do ano passado, quando as vendas cresciam 25%. Desaceleração similar pode ser vista também no **segmento de**

material de construção, que passou de 6,6% para apenas 0,2% e podendo ficar no terreno negativo já no segundo trimestre de 2019.

Essa desaceleração do setor em 12 meses está em boa parte relacionada ao efeito estatístico, uma vez que o crescimento recente se deu em bases baixas. Repare que as vendas de veículos caíram 30% antes de começarem a recuperação. E, mesmo tendo crescido por três trimestres consecutivos, o que vemos é um resultado final mais tímido. Agora, o que se nota é uma tendência de comportamento em direção a normalidade, e o setor, para apresentar números melhores, deve contar com impulsos de renda que vão **além da taxa de juros baixa**. Ou seja, assim como vimos no Brasil, o segmento de vendas do comércio varejista ampliado perdeu tração no Rio Grande do Sul.

Além das vendas do comércio, o setor de serviços conta com outros indicadores que estão contidos na PMS – Pesquisa Mensal de Serviços. Nesse caso, o IBGE não abre os resultados dos Estados para seus componentes. Mas, podemos ter uma visão comparativa de como o setor se comporta dentre as Regiões.

A tabela separa as informações dos estados de acordo com as regiões e considera uma visão temporal dos últimos dois trimestres (dessazonalizado) e também para 12 meses. Olhando em um período mais longo, podemos ver que a **maioria dos estados estão com resultados negativos**, sendo os piores números relacionados aos estados do Norte (Amapá, Acre e Tocantins) e Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe e Paraíba). Esse cenário reflete a crise econômica que se abateu mais fortemente sobre os estados mais pobres do Brasil.

Além disso, as taxas negativas que estão presentes nos estados do Centro Oeste, por exemplo, são bem menores e, nos estados mais ricos, as exceções são o Rio de Janeiro e o Paraná. O fato mais importante a destacar é que poucos estados no Brasil apresentam

desempenho positivo no setor de serviços medido pela PMS em um período de 12 meses. Além disso, **nenhum estado do Norte** cresce, apenas o Maranhão no Nordeste e o Distrito Federal no Centro Oeste e Santa Catarina no Sul. No Sudeste, Minas Gerais está com estabilidade ao passo que, São Paulo, com expansão de 2,9%, é o que mais se destoa da média do Brasil exatamente pela sua importância na composição da taxa total.

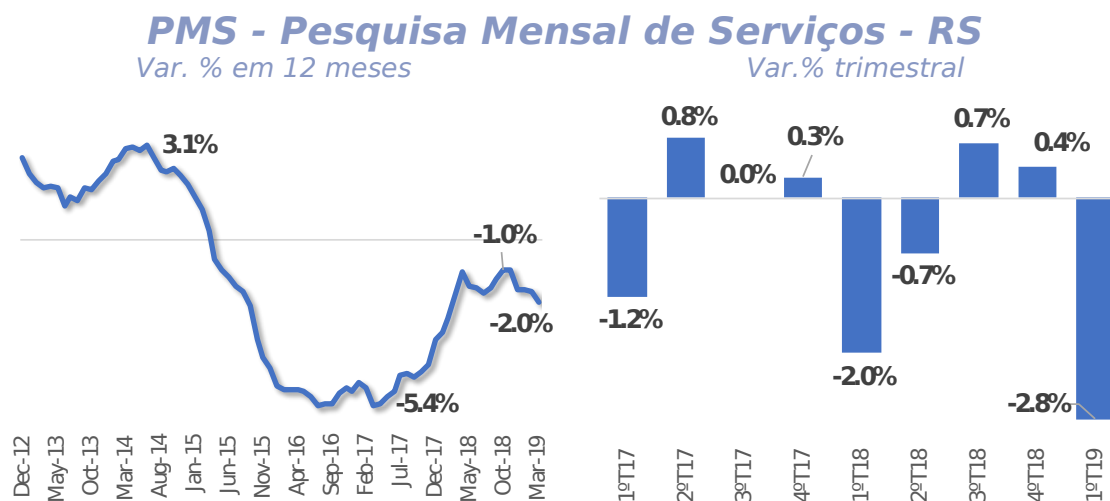
O desempenho negativo do Rio Grande do Sul foi, em grande medida, impactado pelo **resultado do primeiro trimestre de 2019**, com a queda de 2,8% que trouxe o desempenho em 12 meses para -2%.

PMS - Pesquisa Mensal de Serviços - Estados

	4ºT18/3ºT18	1ºT19/4ºT18	12 meses
Rondônia	0.6%	-3.0%	-2.6%
Acre	-0.7%	-6.6%	-7.5%
Amazonas	1.5%	-1.7%	-0.4%
Roraima	-1.8%	0.2%	-1.2%
Pará	1.1%	-4.4%	-3.0%
Amapá	-3.6%	-4.7%	-9.6%
Tocantins	-6.2%	7.1%	-4.5%
Maranhão	-0.6%	0.3%	1.4%
Piauí	-0.7%	-2.6%	-2.4%
Ceará	-1.8%	-0.8%	-6.6%
Rio Grande do Norte	-1.3%	-0.4%	-4.7%
Paraíba	0.2%	-2.5%	-3.1%
Pernambuco	-0.4%	-1.6%	0.0%
Alagoas	-2.2%	-2.4%	-1.2%
Sergipe	-1.6%	2.6%	-3.1%
Bahia	-3.5%	0.8%	-1.6%
Minas Gerais	-0.6%	-0.7%	0.4%
Espírito Santo	-1.6%	1.6%	-1.1%
Rio de Janeiro	-1.6%	1.3%	-3.4%
São Paulo	1.4%	0.1%	2.9%
Paraná	0.9%	-2.1%	-2.9%
Santa Catarina	2.2%	-1.9%	2.6%
Rio Grande do Sul	0.4%	-2.8%	-2.0%
Mato Grosso do Sul	0.3%	0.6%	-0.3%
Mato Grosso	-5.4%	-3.0%	-1.4%
Goiás	-1.5%	-0.8%	-1.9%
Distrito Federal	1.2%	-2.6%	3.6%

Fonte: IBGE

De fato, ao olhar os resultados dos últimos trimestres e o comportamento da tendência de longo prazo, podemos ver que a crise no segmento chegou ao estado gaúcho nesse início de ano e foi a responsável por interromper o processo de **recuperação que estava em curso** desde meados de 2016, quando o setor chegou a ter uma retração de 5,4%.



Fonte: IBGE.

As estatísticas de desempenho do PIB trimestral do RS pararam de ser divulgadas, mas a análise de seus componentes distribuídos entre agropecuária, indústria e setor de serviços, além da estimativa do Banco Central que serve como proxy, nos leva a crer que a economia gaúcha experimentou um **ciclo recente de crescimento**, puxado em especial pelos bons resultados da indústria, mas que, agora, entra em uma fase de arrefecimento.

Essa menor dinâmica pode ser sentida em todos os segmentos, mas em destaque a perda de fôlego do setor de serviços que deve fazer com que o PIB do Estado convirja para a média nacional até o fim do ano, ou seja, um crescimento perto de 1% em 2019.

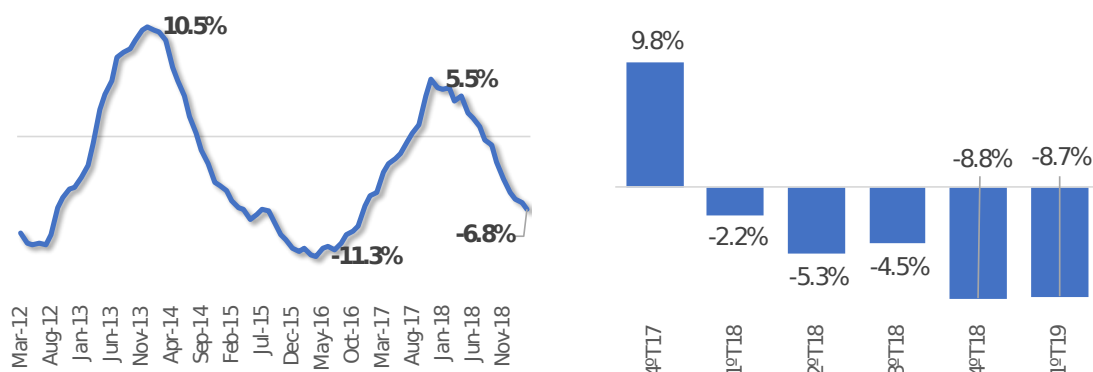
5. O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul

Vimos que o setor de borracha no Brasil teve uma boa performance com o crescimento cíclico que se desenhou entre o final

de 2015 e 2017, mas o **arrefecimento das exportações de veículos** afetou a demanda por pneumáticos. Juntamente com esse, veio a menor produção de máquinas e equipamentos, que acabou afetando a demanda tanto de matéria prima quanto de artefatos. Assim é que, após os bons resultados da recuperação da produção, o segmento começou a mostrar um arrefecimento que foi verificado tanto na produção quanto no faturamento.

No segmento no Rio Grande do Sul não foi diferente do cenário nacional. Ao fim de 2015 tivemos uma recuperação da produção que **durou por dois anos** e modificou a queda de 11% para uma expansão de 5,5%. Esse pico foi rapidamente revertido para uma nova queda de 6,8% e já dura um ano e meio. Analisando os resultados trimestrais, veja que são cinco trimestres consecutivos de queda da produção industrial de borracha no Rio Grande do Sul, tendo sido os dois últimos mais significativos.

Produção Industrial - Produtos de Borracha - RS



Fonte: IBGE

Esse movimento também foi captado pelos indicadores industriais da FIERGS. **O Faturamento**, por exemplo, está em queda no setor de borracha do Rio Grande do Sul, quando medido em 12 meses terminados em março de 2019. Nesse caso, o único indicador positivo é a compra da indústria, com expansão de 17%. O agregado do setor, medido pelo IDI – Índice de Desempenho Industrial, sinaliza uma dinâmica estável, em 0%.

Essa expansão das compras se contrasta com os demais indicadores. Mas, o fato é que ela pode ser vista como um indicador antecedente, ou seja, se a indústria está comprando é porque precisa de matéria prima para produção ou reposição de estoque. Nesse caso, podemos dizer que tanto os **indicadores de produção quanto de faturamento** podem voltar a apresentar resultados positivos ainda em 2019.

Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % acumulada em 12 meses terminados em março)

	2017	2018	2019
Emprego	-3.8%	-0.7%	-0.5%
Horas Trabalhadas	1.0%	-0.2%	-1.4%
Massa Salarial	0.1%	3.9%	-2.0%
Rendimento Médio	4.1%	4.7%	-1.4%
Faturamento	-4.7%	2.8%	-3.2%
Compras	-22.4%	-15.1%	17.7%
Indicador Total	-3.2%	0.3%	0.0%
UCI Média	78.3	78.5	81.0

Fonte: FIERGS

De fato, ao olharmos o comportamento em 12 meses, as compras se mantiveram com expansão de 17% ao passo que o faturamento trilhou trajetória de queda trazendo o crescimento de 4,4% para -3,2%. Porém, os sinais são de possível **reversão do faturamento** na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2019.

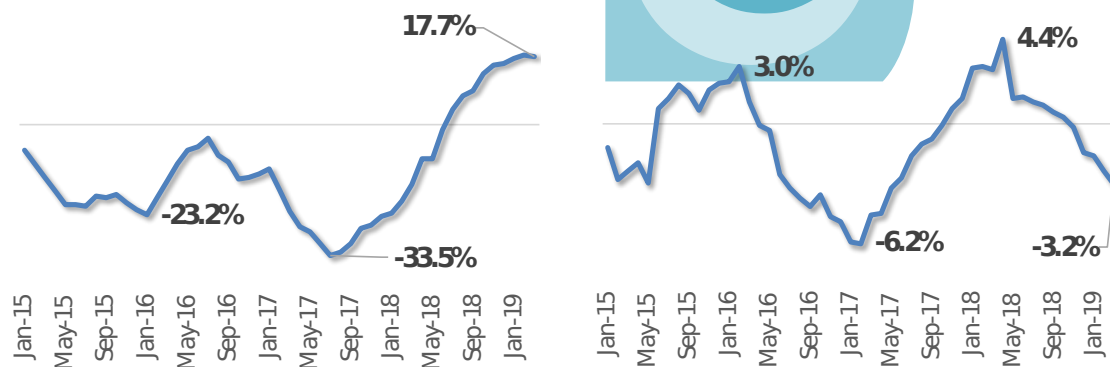
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % em 12 meses)

Compras Industriais

Faturamento Real

Balanço Econômico 2019 e Perspectivas



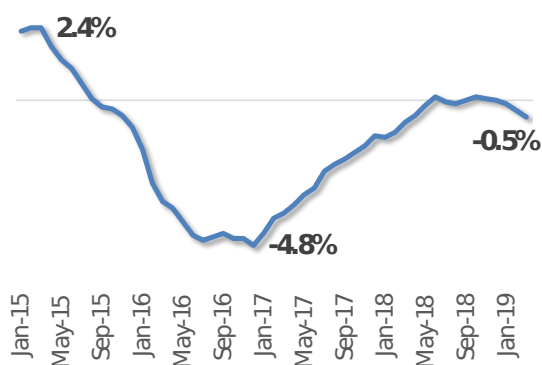
Fonte: FIERGS

Os dados de mercado de trabalho do setor de borracha do Rio Grande do Sul seguiram o movimento do segmento no Brasil. O aumento das horas trabalhadas, que teve início ao fim de 2016 trouxe consigo as contratações. Esse movimento de recuperação **durou até meados de 2017**, quando o setor começou a reduzir as horas trabalhadas. Demorou alguns meses para essa mudança atingir o emprego e, somente a partir de segundo trimestre de 2018 que esse começou a arrefecer.

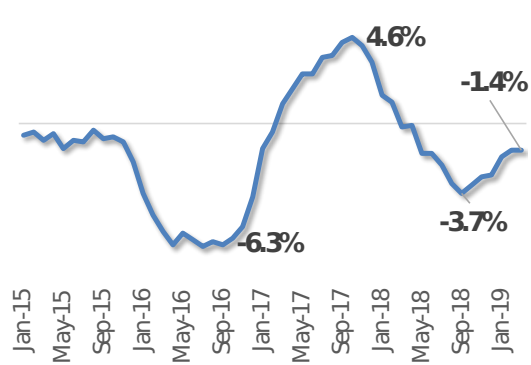
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % em 12 meses)

Pessoal Empregado



Horas Trabalhadas



Fonte: FIERGS

A queda das horas trabalhadas foi significativa e reverteu uma expansão de 4,6% em uma retração de 3,7%. Porém, o setor passou a normalizar os turnos de produção a partir de meados de 2018. No cenário atual, o que vemos é uma estabilidade do nível de emprego,

em linha com o fato de que o segmento pode ter encontrado um ponto de equilíbrio.

Com a **perspectiva de melhora da produção e do faturamento** na virada do segundo para o terceiro trimestre, é natural imaginar que se tenha primeiro uma recuperação das horas trabalhadas para, em um segundo momento, provavelmente apenas no quarto trimestre, identificarmos a volta das contratações.

O comportamento sazonal da produção de borracha no Rio Grande do Sul pode ser visto na UCI - Utilização da Capacidade Instalada. Veja que, na média, o mês de janeiro é o que apresenta o período de mais baixa UCI. A partir de então temos um aumento da atividade que vai até meados de maio. O terceiro trimestre do ano é marcado por um **período de estabilidade** na produção em um patamar elevado e, a partir dali, a atividade começa a declinar. Veja que esse comportamento é bem similar ao verificado na média da indústria do Rio Grande do Sul.

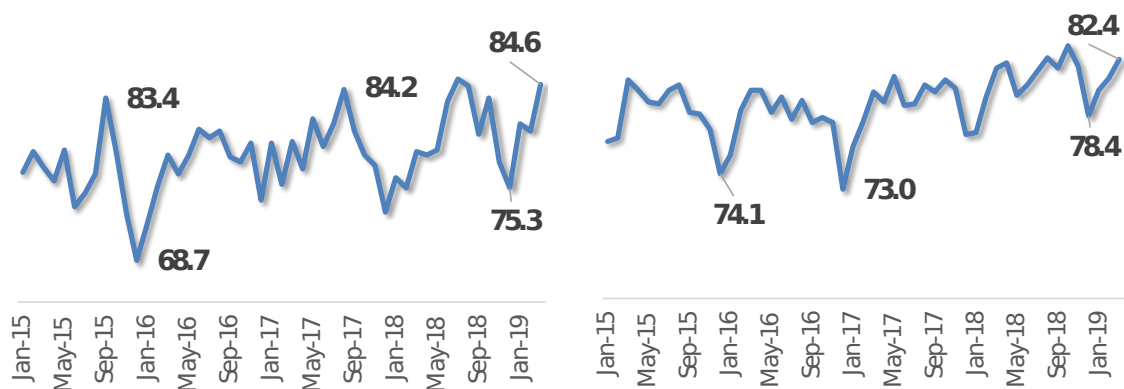
Posto isso, podemos ver que o cenário atual com demanda mais fraca pode comprometer a esperada retomada projetada para a virada do segundo para o terceiro trimestre no setor.

Utilização da Capacidade Instalada

(Grau médio)

Setor de Borracha - RS

Total da Indústria - RS



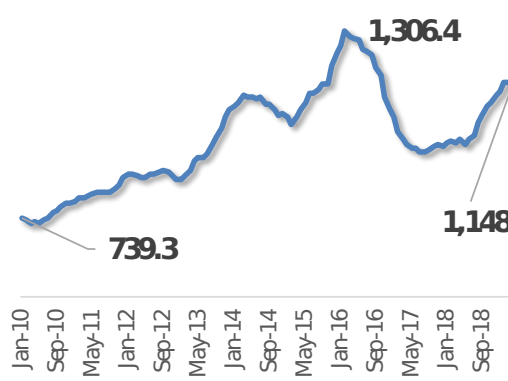
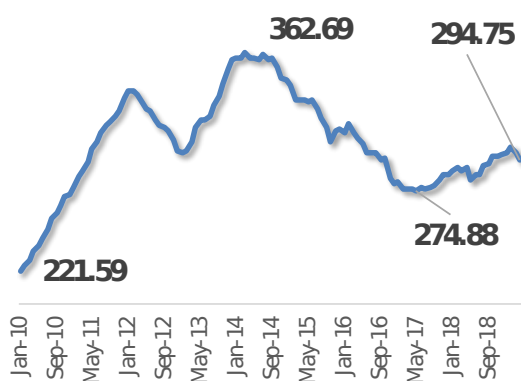
Fonte: FIERGS.

Boa parte do que vemos de conjuntura mais arrefecida no setor de borracha tem uma relação com o comportamento das exportações. É fato que a demanda interna, medida pelo consumo aparente, está bem menor do que quatro anos atrás e, além disso, apresenta tendência de queda (boa parte disso puxado pela demanda do setor de veículos). Mas, vale destacar que a crise econômica vivenciada por um **importante parceiro comercial do setor**, a Argentina, também contribui para manter esse cenário mais ameno.

Exportações de Borracha e Plástico - RS

(Em US\$ milhões ac. 12 meses)

(Em R\$ milhões ac. 12 meses)



Fonte: SECEX/FIERGS

Fonte: SEC EX/FIERGS

As exportações do setor de borracha no Rio Grande do Sul, quando medidas em dólares, estão em US\$ 294 milhões em 12 meses terminados em março. Esse valor é 18,7% menor do que o pico verificado ao final de 2013. Quando convertido em reais, pelo câmbio médio do mês e trazido a valor presente pelo IPCA, o faturamento do setor no Rio Grande do Sul em reais está em R\$ 1,1 bilhão, ainda 15,3% abaixo. Essa diferença de resultado só não é maior devido a uma taxa de câmbio mais favorável nesses últimos meses.

Assim, em resumo, podemos ver um setor no Rio Grande do Sul que **encerrou um ciclo de expansão de produção, faturamento e contratações** ainda na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2018. Desde então, o ajuste trouxe diversos indicadores para o terreno negativo, mas a análise do cenário atual deixa antever que, na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2019,

podemos experimentar uma nova reversão, mas dessa vez projetando uma leve recuperação da produção e faturamento.

Nesse caso, a perspectiva é que se tenha uma recuperação das horas trabalhadas no setor para, apenas no quarto trimestre identificarmos uma melhora nas contratações.



6. PERSPECTIVAS 2019

O cenário econômico projetado para o Brasil e o Rio Grande do Sul em 2019 tem alguns elementos de risco externos e internos. No primeiro caso, destacamos **três fatores a serem considerados**: i) guerra comercial e seus impactos no mundo e no Brasil; ii) impactos do Brexit sobre a incerteza internacional; iii) movimento das taxas de juros internacionais.

A consideração apenas desses três fatores não significa ausência de outros elementos que podem impactar no Brasil. Mas, o fato é que boa parte da mensuração dos riscos financeiros e comerciais estão relacionados a esses três fatores. Nesse caso, vale destacar o andamento das eleições presidenciais na Argentina que, a depender do desfecho, pode complicar um pouco mais as **relações comerciais entre os dois países** e prejudicar as exportações brasileiras, atingindo fortemente setores como veículos automotores e de borracha.

A Guerra Comercial entre EUA e China que já está em curso, tem o poder de reduzir, em um horizonte de dois anos, cerca de 0,5 ponto percentual na estimativa inicial de crescimento do mundo de 3,6%. Boa parte desse impacto estaria concentrada, em primeiro lugar na própria China, o país mais prejudicado e com efeitos indiretos sobre outros países da Ásia e, em segundo lugar nos EUA. Dada a **pouca relação comercial do Brasil com o mundo**, os impactos estimados, sob a ótica comercial, seriam limitados e estariam mais concentrados no movimento de aversão a risco, o que envolve possível aumento do custo de captação de recursos.

Mesmo assim, em um cenário de dois a três trimestres com limitações de acesso a crédito internacional, o Brasil não sofreria tanto devido ao elevado nível de reservas (cerca de US\$ 380 bilhões) e da **saúde financeira do Balanço de Pagamentos**.

O segundo fator, o movimento do Brexit, por sua vez, representaria pouco impacto comercial no Brasil, mas por outro lado, também acrescentaria riscos financeiros ao mercado internacional e poderia gerar riscos de curto prazo. Por fim, o terceiro elemento, o possível movimento de aumento de juros internacionais teria novos componentes em direção a um afrouxamento monetário. De um lado, o Banco Central Europeu deve manter os juros em 0% até o final do ano, contribuindo para estimular as economias da região. Além disso, já anunciou programas de incentivo monetário na economia. E, de outro lado, temos o Banco Central Americano que se defronta com juros no intervalo $2\frac{1}{2}$ e $2\frac{3}{4}$ e incertezas sobre o impacto que a elevação das **alíquotas de importação** pode causar sobre a inflação. Mesmo assim, as apostas do mercado são de manutenção dos juros ao menos até o quarto trimestre de 2019.

Se de um lado os riscos no cenário internacional estão mais equacionados e com menor poder de impacto sobre o Brasil, o mesmo não podemos dizer dos riscos internos. Novamente, a política está ditando o ritmo da economia e gerando incertezas nos agentes econômicos. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelo Governo para aprovar a **reforma da previdência**, a expectativa é que a mesma seja aprovada ao menos até o terceiro trimestre do ano. Destaca-se que esse cenário político deve perdurar e fazer com que a retomada do crescimento não ocorra em 2019. O ano deve se encerrar com expansão entre 0,8% e 1%.

No **Rio Grande do Sul** as maiores limitações de curto prazo para a economia são: i) problemas econômicos na Argentina; ii) cenário de risco Brasil; iii) limitações fiscais do Governo do Estado. O equacionamento das eleições na Argentina (27 de outubro de 2019) pode ajudar a melhorar o ambiente de negócios no Brasil e, em especial, no Rio Grande do Sul. Mas o mesmo só ocorre no quarto trimestre do ano. Portanto, até lá vamos **conviver com as incertezas**.

O cenário de risco apontado para o Brasil comentamos mais acima. A maior incerteza atrasa investimentos que, por sua vez, reduzem a demanda por bens de capital e intermediários, duas categorias onde a indústria do Rio Grande do Sul é forte. Além disso, as **limitações do crescimento** podem reduzir ainda mais o consumo das famílias com impacto direto na parte de bens de consumo duráveis que é produzida no Estado, com destaque para veículos automotores.

Por fim, temos as restrições fiscais locais. Qualquer esforço que seja feito no controle de gastos, ou ainda com privatizações e novas concessões, serão **insuficientes para resolver a situação fiscal** no curto prazo. Destaca-se que a dinâmica da arrecadação deve ser mais tímida no horizonte de seis meses em relação ao ocorrido nos dois últimos anos. Nesse sentido é que projetamos que o Estado gaúcho, após passar pelo bom período de recuperação cíclica de 2015-2017, enfrentará cenário mais adverso nos meses a frente. Nossa projeção é que a economia gaúcha cresça entre 0,9 e 1,2% em 2019.